



**UNILASALLE**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



CARINE DANIEL

**A MITIFICAÇÃO E A DESMITIFICAÇÃO DO GAÚCHO EM O  
VAQUEANO E PORTEIRA FECHADA, RESPECTIVAMENTE**

CANOAS, 2007

CARINE DANIEL

**A MITIFICAÇÃO E A DESMITIFICAÇÃO DO GAÚCHO EM *O VAQUEANO* E  
*PORTEIRA FECHADA*, RESPECTIVAMENTE**

Trabalho de conclusão apresentado para a banca examinadora do curso de Letras do Centro Universitário La Salle - Unilasalle, como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação do Prof. Dr. Cicero Galeno Lopes.

CANOAS, 2007

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

CARINE DANIEL

### **A MITIFICAÇÃO E A DESMITIFICAÇÃO DO GAÚCHO EM *O VAQUEANO* E *PORTEIRA FECHADA*, RESPECTIVAMENTE**

Trabalho de conclusão aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, pelo seguinte avaliador:

Professor Doutor Cícero Galeno Lopes  
Unilasalle

Canoas, 5 de dezembro de 2007.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me dar forças para chegar ao término desta longa e difícil caminhada.

A minha família pelo suporte e, em especial a minha mãe, Anair Fátima Daniel, e ao meu noivo, Eluir Luiz Paloschi, por terem me apoiado nos momentos difíceis de minha vida, e por terem acreditado no meu potencial.

Aos meus professores, os quais me conduziram nesta fase da minha vida, proporcionando-me desafios, conhecimentos e amizades. Agradeço em especial, ao professor Dr. Cicero Galeno Urroz Lopes, pelo carinho, amizade, paciência e apoio durante a execução deste trabalho. À professora Maria Luiza, pela sua maneira otimista e alegre de transmitir conhecimentos. À professora Valéria, pelo seu exemplo de dedicação e pela amizade.

Aos colegas e amigos que adquiri neste período, principalmente, pela amizade e o companheirismo construídos durante a trajetória para a realização do meu sonho.

VIDA

De tudo, ficaram três coisas:

nascimento, vida, morte e a certeza de que estamos sempre recomeçando...

a certeza de que precisamos continuar...

e a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto, devemos fazer da interrupção um caminho novo. Da queda, um passo de dança.

Do medo, uma escada. Do sonho, uma ponte. Da procura, um encontro.

(Fernando Pessoa)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a mitificação do gaúcho na obra *O vaqueano* de Apolinário Porto Alegre e a sua desmitificação em *Porteira fechada* de Cyro Martins. O trabalho foi realizado a partir das obras literárias citadas, de pesquisas bibliográficas e em meio eletrônico. O trabalho sustenta a hipótese de que no Romantismo sul-rio-grandense houve a idealização e a mitificação da figura do gaúcho como o “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”. Essas características se fazem presente na obra *O vaqueano*. Já no Modernismo, deu-se a desmitificação do gaúcho visando a denunciar os problemas sociais vividos pelo homem do campo a partir das primeiras décadas do século XX, tema esse, abordado em *Porteira fechada*. Como resultado da pesquisa, temos que *O vaqueano* por pertencer a um período literário cuja principal característica é a construção de uma identidade nacional através da ereção de figuras míticas, apresenta a exaltação da figura do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”. José de Avençal representa na obra o gaúcho mitificado por possuir todos os atributos necessários para compô-lo. Por outro lado, em *Porteira fechada*, encontramos o personagem João Guedes que representa o gaúcho desfibrado, à medida que é um personagem centrado na marginalização do gaúcho. Ele chega ao auge da humilhação, tornando-se um “gaúcho a pé”.

Palavras-chave: Mito. Gaúcho. Mitificação. Desmitificação. *O vaqueano*. *Porteira fechada*.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the mythification of the gaucho in the book *O vaqueano* by Apolinário Porto Alegre and its demythification in *Porteira fechada* by Cyro Martins. This paper was elaborated from the related literary works and from bibliographies and electronic researches. The work supports the hypothesis that in the sul-rio-grandense Romanticism there was the idealization and the mythification of the gaucho figure as the “monarca das coxilhas” and “centauro dos pampas”. These characteristics are present in *O vaqueano*. On the other hand, in the Modernism there was the gaucho demythification aiming to denounce the social problems lived by the countryside man from the first decades of the XX century. This theme is dealt with the work *Porteira fechada*. As the results of the research, we have that as *O vaqueano* belongs to a literary period whose main characteristic is the construction of a national identity through the erection of mythical figures, it also shows the praised image of the gaucho as the *monarca das coxilhas* and *centauro dos pampas*. José de Avençal plays in the story the mythified gaucho by having all the necessary attributes to perform it. While in *Porteira fechada*, we find the character João Guedes who plays the weak gaucho as he is centralized in the marginalization of the gaucho. He comes to the top of his humiliation, becoming a “gaúcho a pé”.

Key-words: Myth. Gaucho. Mythification. Demythification. *O vaqueano*. *Porteira fechada*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 MITO</b> .....	10
<b>2.1 Conceito de mito</b> .....	10
<b>2.2 Mito tradicional e o mito moderno</b> .....	12
2.2.1 Mito tradicional .....	13
2.2.2 Mito moderno .....	13
2.2.3 Conceito e forma do mito .....	14
<b>3 ORIGEM DO MITO DO GAÚCHO “MONARCA DAS COXILHAS”</b> .....	17
<b>3.1 Formação histórica do povo gaúcho</b> .....	18
<b>3.2 O mito do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”</b> .....	25
<b>3.3 O mito do gaúcho: conceito e forma</b> .....	31
<b>3.4 Características do gaúcho primitivo</b> .....	32
<b>3.5 O mito do gaúcho presente na literatura sul-rio-grandense</b> .....	35
<b>3.6 O Romantismo no Rio Grande do Sul e a idealização da figura do gaúcho como o “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”</b> .....	37
<b>4 O DESAPARECIMENTO DA FIGURA DO GAÚCHO MITIFICADO</b> .....	48
<b>4.1 Causas sociais e econômicas que contribuíram para a decadência do “monarca das coxilhas”</b> .....	48
<b>4.2 O regionalismo de cunho modernista e a desconstrução do gaúcho mitificado</b> .....	51
<b>4.3 Cyro Martins e a criação da expressão “gaúcho a pé”</b> .....	52
<b>4.4 A desmitificação do “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”</b> ...	54
<b>5 A MITIFICAÇÃO DO GAÚCHO EM <i>O VAQUEANO</i></b> .....	59
<b>6 A DESMITIFICAÇÃO DO GAÚCHO NA OBRA <i>PORTEIRA FECHADA</i></b> .....	69
<b>7 CONCLUSÃO</b> .....	85
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso analisa a mitificação do gaúcho na obra *O vaqueano* de Apolinário Porto Alegre e a sua desmitificação em *Porteira fechada* de Cyro Martins.

Primeiramente, apresentamos um estudo acerca do mito, sua definição, seu conceito e forma, bem como as características do mito primitivo e do mito moderno. Esse estudo constitui o segundo capítulo do trabalho.

No terceiro capítulo, estudamos a origem do mito do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”, bem como o seu surgimento com a formação histórica do estado do Rio Grande do Sul. A seguir, estudamos o mito do gaúcho e seu conceito e forma, as características do gaúcho primitivo, o mito do gaúcho presente na literatura sul-rio-grandense e o Romantismo no Rio Grande do Sul e a idealização da figura do gaúcho como o “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”.

No quarto capítulo, verificamos o desaparecimento do gaúcho mitificado, as causas sociais e econômicas causadoras da decadência do “monarca das coxilhas”, o regionalismo de cunho modernista e a desconstrução do gaúcho mitificado. Também vemos o tópico sobre Cyro Martins e a criação da expressão “gaúcho a pé” e, finalmente, estudamos a desmitificação do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”.

Nos dois capítulos finais, quinto e sexto, analisamos a presença do gaúcho mitificado na obra *O vaqueano* e a desmitificação do gaúcho na obra *Porteira fechada*.

A hipótese que será sustentada no trabalho é a de que no Romantismo sul-rio-grandense houve a idealização da figura do gaúcho: esse foi tido como heróico e apresentado como o “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”. É nesse período literário que se dá a exaltação do gaúcho mitificado na literatura. Já no

Modernismo, deu-se a desmitificação do gaúcho, visando a denunciar os problemas sociais vividos pelo homem do campo, os quais resultaram no êxodo rural, problema vigente no Rio Grande do Sul a partir das primeiras décadas do século XX.

O trabalho foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas e de pesquisas em meio eletrônico.

## 2 MITO

### 2.1 Conceito de mito

O vocábulo *mito* (do grego, *mythos*, que significa palavra que simboliza o mundo), sinônimo de fábula, enredo e narrativa, apresenta-se como um conceito não definido de modo preciso e unânime. Trata-se, contudo, de um aspecto antropológico fundamental, pois ele não só representa uma explicação sobre as origens do homem e do mundo, como traduz o modo como um povo ou civilização entende e interpreta a existência. Mito é desvelamento dos significados escondidos, dos mistérios do mundo. É sempre a narrativa de uma criação: ele relata como começou a ser. A figura que foi mitificada desaparece, mas o mito continua vivo.

De acordo com o *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* (2001), o vocábulo mito possui quatro significados. O primeiro diz que é o relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia. O segundo significado aponta-o como narrativa acerca dos tempos heróicos, que geralmente guarda um fundo de verdade. Já a terceira significação nos diz que é um relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social, etc. Por fim, o quarto significado traz que mito é a representação de fatos ou personagens históricos, freqüentemente, deformados e amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas.

Conforme Moisés (1995), a antropologia e a filosofia consideram o mito como a palavra que designa um estágio do desenvolvimento humano anterior à História, à Lógica e à Arte, ou seja, é a narrativa do que os deuses ou os seres divinos fizeram no começo dos tempos.

Para Aristóteles apud Moisés (1995), mito corresponde à imitação de ações, que integra toda a existência e, mesmo sob o aspecto de fábula, manifesta a possibilidade dos diversos comportamentos, pensamentos e linguagens do homem. Sendo forma de comunicação humana, o mito, além de relacionar-se com questões de linguagem, refere-se à vida social do homem, uma vez que a narração dos mitos é própria de uma comunidade e de uma tradição comum. Dessa maneira, o mito é a *parole*, a palavra revelada, o dito que circunscreve um acontecimento antes de fixar-se como narrativa. É através das palavras que os mitos se transmitem e garantem sua permanência num determinado período de tempo.

Segundo Arendt (1995), o mito é a expressão da vida social humana, como resposta que um grupo dá a seus anseios, medos e angústias, é, antes de mais nada, um exemplo a ser seguido, porque instala certos modelos de conduta. Teria, então, o mito a função de revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas, re-atualizando constantemente a origem, os eventos primordiais que fazem do homem o que ele é hoje.

De acordo com Rocha (1986), o mito está localizado num tempo muito antigo, “fabuloso”. Os homens geralmente o colocam nos seus tempos de “aurora”, fora da história, pois o mito revela modelos de uma sociedade, funda paradigmas, enfim, fornece significação ao mundo e à existência humana.

No entanto, ainda não há, para mito, uma definição precisa, pois o conceito é complexo e recebe mais de uma definição. “O mito é um fenômeno de difícil definição [...] Faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido, múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias idéias, ser usado em diversos contextos” (ROCHA, 1986, p. 8).

Já na opinião de Malinowski apud Eliade (1989), o mito é um ingrediente vital da civilização humana: longe de ser uma fabulação vã. Ao contrário, ele é uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

A partir desse conceito exposto, podemos considerá-lo sob dois enfoques diferentes: um enfoque de cunho religioso em que o mito surge na forma de um deus (ou deuses) e de rituais sagrados, e o outro enfoque que vai servir como um referencial de valores práticos que orientam a vida humana.

O mito está ligado à história ou histórias da origem de tudo, dos animais, das plantas, do homem e do mundo. A necessidade de entender a si mesmo, o motivo de sua existência, a sociedade em que vive e o mundo que habita fizeram o homem buscar mitos, personificar, através dos mitos, poderes motivadores para um sistema de valores referenciais que funcionam para vida humana e para o universo. Os mitos são o sonho do mundo, são sonhos arquetípicos e lidam com magnos problemas humanos. Aliás, uma das funções do mito é a função sociológica, enquanto suporte e validação de determinada ordem social, uma mitologia estritamente sociológica que nos liga a uma sociedade em particular.

O surgimento do mito está relacionado com o desejo que o homem sente de esclarecer, explicar o que ocorre a sua volta, e o significado do mito varia de acordo com a época e a sociedade a que se refere, pois o mito só se constrói no passar do tempo, e no contar e recontar um fato. Já diz a sabedoria popular que quem conta um conto aumenta um ponto e é nesse aumentar de pontos que os elementos míticos vão se agregando e se constituindo como uma representação coletiva, através de várias gerações, relatando uma explicação do mundo. Por conseguinte, o verdadeiro objeto do mito não são os deuses nem os ancestrais, mas a apresentação de um conjunto de ocorrências fabulosas com que se procura dar sentido ao mundo.

O homem, na ânsia de aproximar-se do mito e de tentar compreendê-lo, faz uso de diversos meios contemporâneos: teorias estruturalista, simbolista e funcionalista, psicanálise, semiótica, análise computacional, entre outros. Os progressos são evidentes, o conceito desenvolveu-se. Mito já não é apenas a história dos deuses e heróis da Grécia e Roma antigas tomados como distantes, num passado longínquo; o mito é uma referência, faz parte do ser humano e do seu cotidiano na tentativa de conhecer-se e de compreender o mundo a sua volta.

## **2.2 Mito tradicional e o mito moderno**

Sendo que o significado do mito apresenta variações de acordo com a época a que remonta e de acordo com a sociedade a que se refere, faz-se necessário considerar o significado do mito em relação à sociedade primitiva e em relação à sociedade moderna, pois o mito passa de geração para geração, tentando

esclarecer acontecimentos, fenômenos e vivências que fazem parte do ser humano, em qualquer época e lugar.

### 2.2.1 Mito tradicional

O mito é a forma utilizada pelo povo primitivo para se relacionar com a realidade e, também, para interpretá-la. Lara (1985) afirma que, nas sociedades primitivas, o mito é uma realidade vivida, não somente um símbolo. É a ligação existente entre o homem e o universo e possui valor de cunho religioso, pois narra os feitos de um deus ou de um ser sobrenatural. “O mito está vinculado estreitamente à linguagem, uma vez que o conhecimento do mito dá-se pela linguagem, e os deuses concretizam-se e completam-se através da palavra” (CASSIRER apud LARA, 1985, p. 14).

Eliade (1972) nos diz que o mito é uma narrativa que faz reviver uma realidade primitiva, que satisfaz profundas necessidades religiosas, aspirações morais, pressões e a imperativos de ordem social e mesmo exigências práticas. Nas civilizações primitivas, o mito exprime, enaltece e codifica uma crença. Ele é um ingrediente vital da civilização humana, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente. É uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

O homem primitivo acredita que os mitos determinam sua maneira de agir, viver e de se alimentar. Portanto, para a civilização primitiva o mito é indispensável. Ele não é considerado uma fantasia, mas uma realidade que determina e orienta a vida do homem.

### 2.2.2 Mito moderno

Atualmente, como a sociedade evoluiu cultural e socialmente, o mito não possui o mesmo valor e sentido que as sociedades arcaicas lhe atribuíam. No entanto, percebe-se que entre o mito moderno e o mito primitivo existem pelo menos dois pontos de contato: a capacidade de congregar uma coletividade e que tanto um como outro se servem de linguagem.

Segundo Lara (1985), o mito primitivo perpetua-se no mito moderno por possuir a mesma finalidade, que é a de ser uma linguagem e de servir-se da linguagem. A linguagem funciona como alicerce para o mito das sociedades arcaicas, porque é através dela que o mito se revela. Os membros das tribos primitivas tomavam conhecimento das histórias dos seres sobrenaturais através da comunicação oral dos mais velhos. Para eles a linguagem é a maneira de revelação do mito primitivo.

O mito atual é uma tessitura de linguagem, porque é uma forma de comunicação, uma mensagem. Todavia, enquanto o mito primitivo se utiliza somente da oralidade, o mito moderno possui linguagem variada e utiliza representações diferentes, como a escrita e a imagem.

Atualmente o mito perdeu o seu cunho sobrenatural e imutável que o caracterizava primitivamente; em seu lugar tudo e qualquer coisa tem a possibilidade de se tornar mito, mesmo que temporariamente. Ele é fundamentalmente um objeto de estudo das modernas ciências do homem, como a antropologia, por exemplo, pois ele está ligado às indagações sobre o significado do mundo e da existência humana, bem como dele depende o entendimento de nossas formas de linguagem, expressão e comunicação.

### 2.2.3 Conceito e forma do mito

De acordo com Roland Barthes (1993) um significado (mito) pode ter vários significantes (representações), ou seja, as mais variadas imagens ou um grande número de frases podem representar o mesmo mito, repetidamente. Quanto maior a quantidade de significantes diferentes, mais fácil torna-se decifrá-lo. O significante é chamado de *forma*, e o significado é chamado de *conceito*. A soma da forma e do conceito de um mito resulta na sua *significação*. A forma caracteriza-se por ser extrínseca e concreta. Já o conceito é histórico e está relacionado com o mundo através de associações que não são rígidas e que sofrem mutações.

Mircea Eliade, nome de referência em Antropologia Social, em sua obra *Aspectos do mito* (1989) afirma que o mito guarda uma estrutura simbólica, cuja função é revelar modelos exemplares, sendo que esses sempre aparecem baseados num arquétipo localizado num tempo primordial.

A estrutura mítica não pode ser decifrada como signo de algo indesejável ou reprimido, pois a idéia da narrativa de um começo num tempo primordial, fabuloso e sagrado capaz de ser recuperado, está profundamente enraizada na alma coletiva (ELIADE, 1989, p. 12).

Eliade também diz que o núcleo simbólico mítico, por ser dinâmico, pode ser reinterpretado, sendo que seu significado só poderá ser decifrado conforme o contexto histórico, pois depende de como é reinterpretado a cada nova geração.

Dessa forma, a imagem ou símbolo resultante dessa reinterpretação representa, por um lado, a diferenciação do arquétipo que lhe serviu de modelo, e por outro, é adaptada às novas condições sociais e às novas modas culturais, pois passou a pertencer a tempos históricos diferentes.

O processo de criação e instituição do mito é complexo. O autor Eliade (1972) explicita que um mito vivo é aquele que, através dos tempos, continua produzindo efeitos de sentido no imaginário social da comunidade na qual foi gerado e instituído como tal. Trata-se da manutenção do funcionamento de uma essência simbólica que lhe é própria, pois, apesar de sofrer transformações, ele não é apagado do imaginário que o gerou.

O leitor, ao receber o mito via literatura, apropria-se dele, revivendo o que o herói viveu e atualizando suas aventuras, produzindo sentidos. Sob esse ponto de vista, a literatura não transforma o mito para reduzi-lo, mas, para reproduzir os elementos tradicionais que preservam o mito; enfim, a literatura presentifica e expande o mito. Isso implica considerar que, às vezes, esse funcionamento da literatura, inserido em outras determinadas condições de produção, pode ir de um extremo ao outro do processo de construção/desconstrução da imagem do mito: isso ocorre, por exemplo, na produção de efeitos de mitificação e desmitificação de determinados mitos, que oscila entre o mostrar a face mais conhecida e a face oposta, mas nunca o reduzindo a algo menor ou diferente do que ele é.

O mito permanece vivo no seio de algumas sociedades, porque ele é freqüentemente evocado, fazendo com que a pessoa que o evoca se torne seu contemporâneo e, assim, um simples mortal passa a compartilhar da presença dos mitos fundadores, buscando neles o exemplo a seguir. O homem mantém o mito vivo, e o mito mantém o homem. É essa significação de ser sobrenatural que faz do mito substância irradiante de energia vital, que faz dele algo pertencente à ordem do

sagrado, o que leva um povo a viver novamente com dignidade e esperar um destino sublime para as gerações vindouras.

### 3 ORIGEM DO MITO DO GAÚCHO

Como é tradicional a existência de mitos na construção de todas as culturas, encontramos na cultura gaúcha o mito do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”. Há inclusive obras literárias que ressaltam as características peculiares do estado do Rio Grande do Sul e referem-se à existência desse mito.

Segundo o *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* (2001) existem duas significações para o vocábulo *gaúcho*: o adjetivo *gaúcho* refere-se ao habitante da zona rural do Rio Grande do Sul e, por extensão, de todo o estado rio-grandense; o substantivo *gaúcho* refere-se ao habitante da zona rural (pampas) do sul do Brasil, do Uruguai e da Argentina, que se dedica à criação de gado e também pode referir-se a peão de estância e bom cavaleiro.

O termo *gaúcho* se consolidou como gentílico para os nativos do Rio Grande do Sul, mas originalmente era um termo depreciativo: indicava a condição social marginal do sujeito.

A história da origem da palavra gaúcho é bem controversa. Existem inúmeras origens descobertas para essa palavra. Cicero Galeno Lopes (2000) examina quatro possibilidades etimológicas para ela. Segundo ele, a palavra *gaúcho* teria se originado do espanhol, a partir de "chaucho", que significa tropeiro, pastor. A segunda possibilidade diz que o nome seria proveniente de "garrocha" ou "garrucha" que também são vocábulos da língua espanhola. A palavra gaúcho ter-se-ia originado do uso que esses homens faziam da garrucha (espécie de lança) para imobilizar o gado xucro dos campos, coureá-lo e comercializar o couro que obtinham nessas ações. A terceira etimologia possível seria do termo "cachu" ou "cauchu" do idioma araucano, falado pelos índios araucanos. Também se deve atentar à semelhança entre o termo árabe *gauch* e o de origem araucana. A quarta possibilidade seria de origem quíchua, a partir da palavra "uacha", que significa pobre, órfão. O autor ainda complementa que as origens levantadas expressam

significações muito próximas das noções que temos de *tropeiro*, *andante*, *pobre*, *solitário*, que são marcas caracterizadoras dos gaúchos.

### **3.1 Formação histórica do povo gaúcho**

Para estabelecermos a origem do mito do gaúcho é necessário examinar a sua formação histórica, sua formação social e as características básicas do gaúcho. A origem do tipo sulino remonta aos tempos da conquista e colonização do Rio Grande do Sul, a qual foi determinada por finalidades de expansão territorial e políticas de ocupação e exploração por parte dos portugueses, procurando delimitar seu território frente a permanentes conflitos provocados por constantes avanços espanhóis, também impulsionados por objetivos semelhantes.

O gaúcho apareceu na sua feição primitiva em terras do Rio da Prata. Começou a esboçar-se como tipo social a partir de 1536, data da primeira fundação de Buenos Aires. Seu aparecimento no Rio Grande do Sul ocorreria bem mais tarde, sob a influência dos mesmos fatores: pastagens abundantes e enormes rebanhos sem dono. Então surgiria no Rio Grande, como já se verificava no Prata, o caçador, a cavalo, de gado chimarrão, ou seja, o gaúcho. Houve precedência platina no aparecimento do gaúcho, mas o tipo social por ele encarnado não ficou ali circunscrito. Estendeu-se ao Rio Grande do Sul donde a formação, com determinadas características individuais, de três tipos de gaúchos: o argentino, o uruguaio e o rio-grandense.

Carlos Reverbel (1986) entende que, apesar das diferenças, existem traços comuns (e fundamentais) nos três tipos: o cavalo e o boi, condicionando a civilização gaúcha; a carne assada e o mate amargo, constituindo a base alimentar do gaúcho; o couro e o sebo, representando o início de suas atividades econômicas; o contrabando, significando suas primeiras trocas comerciais vantajosas. Esses traços marcantes comuns nos gaúchos primitivos, tanto do Prata como do Rio Grande, demonstram que, embora haja diferenças entre eles, motivadas por peculiaridades locais, o tipo social do gaúcho, formado ao influxo da vida rural nas suas respectivas regiões nacionais, é basicamente o mesmo.

Para entendermos como surgiu o gaúcho aqui no Brasil, é importante analisarmos a formação do estado do Rio Grande do Sul. Sabemos que a

colonização do Rio Grande do Sul foi determinada por finalidade política, com o intuito de evitar que os espanhóis se apoderassem deste território, uma vez que o tratado de Tordesilhas não resolvera o problema de limites. Assim, os portugueses decidiram colonizar a região para garantir a sua posse.

No ano de 1500, por força do Tratado de Tordesilhas de 1494, entre Portugal e Espanha, as terras sul-rio-grandenses pertenceriam aos espanhóis. Ainda assim, num período de quase 200 anos, o Rio Grande do Sul viveu o desinteresse dos descobridores, pois os navegadores que desciam a costa em direção à foz do rio da Prata não encontraram, entre Torres, no extremo norte do estado, e Rio Grande, ao sul, quase nenhuma chance de ancorarem por não haver baías, só uma linha contínua de cômoros, por centenas de quilômetros. Nessa fase, foi chamado de terras-de-ninguém, ocupadas pelos índios, verdadeiros proprietários das heranças naturais.

Entre 1580 e 1640, período da União Ibérica, o trono de Portugal e da Espanha pertenciam ao mesmo rei, e, sem interesse de colonizar o sul do Brasil, ofereceram-se oportunidades para os sul-brasileiros lutarem pela ocupação. O gado alçado era farto, por campos abertos em ricas pastagens nativas. Nessa época, também começou o trabalho dos jesuítas na metade sul da América do Sul, misturando catequese com a criação de aldeias, organização social e econômica, integração de populações indígenas, compondo um todo histórico que iria durar de 1610 a 1750.

Em 1626, o padre Roque Gonzales penetrou pelo rio Piratini para fundar a primeira povoação jesuítica em solo do atual Rio Grande do Sul. Era a primeira tentativa espanhola, visando à colonização de uma terra que lhe pertencia pelo referido tratado. Em decorrência disso, no ano de 1626, quando os espanhóis chegaram à terra dos guaranis ou País do Tape, como a chamaram os europeus, denominaram os filhos do Rio Grande do Sul como “los gauchos”, denominação gentílica dada mais especificamente aos camponeses do Uruguai e parte da Argentina, mostrando assim a força de um povo sem fronteiras. O gaúcho, acima de tudo, era como um peão campeiro para os espanhóis. Tal denominação nasceu no seio dos grupos de gaudérios errantes, mestiços, charruas, minuanos e guaranis.

Em 1680, os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento, plantada no sentido oposto às áreas limítrofes do Brasil, onde hoje se situa a República do Uruguai. A colônia do Santíssimo Sacramento foi o marco mais importante da

colonização do Rio Grande do Sul. Ela desenvolveu entre portugueses e luso-brasileiros o amor à terra, a tenacidade e a bravura que iriam caracterizar o gaúcho do Rio Grande do Sul.

Como no território sulino havia gado em grande quantidade começa-se a coureá-lo e a conduzi-lo para o centro do Brasil, devido à crescente exigência de animais de transporte e também para a alimentação.

É nos trabalhos com o gado, para levá-lo até São Paulo, assim como nas patrulhas e agrupamentos militares, que se emprega aquele tipo social que mais tarde será chamado de gaúcho, que pode ter origem étnica em portugueses, espanhóis e índios, quem sabe até em negros (FISCHER, 2004, p. 23).

Enquanto o território rio-grandense era considerado “terra de ninguém”, não passando de um enorme criatório de gado chimarrão, boa parte de seu território correu o risco de tornar-se platina. Sua posição geográfica, seus rudimentos econômicos e suas tendências culturais o inclinavam naquele sentido, mas isso deixou de acontecer devido à descoberta de ouro em Minas Gerais no final do século XVIII. “Os campos sulinos, com seus rebanhos bovinos, cavalares e muares, passariam a ser preservados e utilizados como base de sustentação da produção de ouro e diamantes das Minas Gerais” (REVERBEL, 1986, p. 77).

O governo de Lisboa percebendo-se disso decide estabelecer uma fortaleza no Rio de São Pedro. Assim nasce o Rio Grande do Sul português, um enorme trato de terra cuja anexação definitiva à Coroa o respeito ao Tratado de Tordesilhas, durante anos, havia impedido. Nesse mesmo período o Rio Grande passa a ser organizado administrativamente, a ter governo próprio, pois antes estava vinculado ao Rio de Janeiro, de onde era governado.

No início, o gado era caçado onde fosse encontrado. Quando o negócio de couro tomou vulto, a caça concentrou-se nas chamadas vacarias. Introduziu-se, assim, incipiente organização no apresamento e abate de animais. Como já havia estâncias, onde os rebanhos eram mantidos sob controle dos seus proprietários, o gado alçado, sem marca nem dono, passou a ocupar grandes espaços até então despovoados: as vacarias. Essas desempenharam importante papel na formação rio-grandense. Recorrendo a elas, os estancieiros refaziam seus rebanhos. Serviam também como campo de adestramento nas práticas campeiras. Havia elementos que as exploravam profissionalmente, financiando a extração de couro. Para isso,

recorriam aos chamados gaudérios ou gaúchos, que se encarregavam de laçar ou bolear os animais, de matá-los e de tirar-lhes o couro.

Em 1737, o brigadeiro Silva Pais, visando a proporcionar maior resistência aos freqüentes ataques dos espanhóis, mandou construir uma fortificação nas proximidades do Canal de São Pedro, que liga a Lagoa dos Patos ao oceano. O forte recebeu o nome de Jesus Maria José e foi a origem da atual cidade de Rio Grande. Em 1747, o povoado que surgira em torno do Forte foi elevado à categoria de vila com o nome de São Pedro do Rio Grande.

Em seguida, a corte de Portugal, preocupada com o baixo índice populacional do sul do Brasil, resolveu enviar emigrantes portugueses para essas terras a fim de colonizá-las. De acordo com Fortes (1965) historiadores estimam que cerca de quatrocentos casais das ilhas de Cabo Verde e dos Açores chegaram à Província, localizando-se em grupos ao longo do litoral e nas proximidades dos rios Jacuí e Taquari. Próxima à freguesia de Viamão, fundada em 1741, formou-se a nossa atual capital, Porto Alegre, no ano de 1772.

O Tratado de Madri, assinado entre Portugal e Espanha em 1750, representou uma mudança radical para o Rio Grande do Sul. Nele ficou definido que Os Sete Povos das Missões (no Rio Grande do Sul) de posse da Espanha passaria a ser território da coroa portuguesa e que a Colônia de Sacramento, então de posse de Portugal, passaria a ser território espanhol. Os portugueses saíram da colônia e esperaram pelo cumprimento da parte espanhola do acordo. Nas missões, os jesuítas, após alguma resistência, acabaram concordando com os termos do tratado e tentaram convencer os índios a acompanhá-los, mas estes resolveram resistir. Deu-se então a Guerra Guaranítica que só terminaria dois anos depois com a vitória do exército comandado por Gomes Freire de Andrade sobre os indígenas.

A partir de 1770, a economia do Rio Grande do Sul passou por profunda mudança, pois começou a ser produzido o charque. Ocorreu então uma partição nas organizações sócio-econômicas, de um lado estava o fazendeiro latifundiário, que não era escravista (seus trabalhadores são os “gaúchos livres”) e do outro estava o charqueador que era escravista.

No final do século XVIII e ao longo do século XIX no atual território do Rio Grande do Sul processava-se a formação de extensas propriedades, as quais foram formadoras da sociedade gaúcha, conformando-a em classes, emergindo lideranças

nas figuras dos caudilhos e dos coronéis. Eles eram, por sua vez, líderes políticos e dirigentes militares em tempo de conflito. Aqui é importante ressaltar que o latifúndio foi o núcleo da principal atividade econômica gaúcha e da luta de fronteiras, tendo o peão de estância, o gaúcho, como suporte para ambas as funções. De acordo com Arendt (1995), nesse contexto, articulando o longo processo de formação do latifúndio e da estratificação social rio-grandense às exposições sobre o gaúcho, podemos afirmar que este, ao mesmo tempo em que trabalhava, seja na preia de gado xucro no início deste processo, seja posteriormente na estância, de forma sazonal ou permanente, porém sempre às voltas com a lide pastoril, exercia ainda o papel de soldado nos conflitos internos e externos.

Nessa época eram evidentes as qualidades do peão de estância, tais como a destreza e domínio do cavalo, que o tornavam apto para o trabalho pastoril, as quais foram herdadas dos nativos que, desde os tempos das reduções jesuíticas, aprenderam e aprimoraram tais técnicas de pastoreio.

Com a entrada do século XIX encontramos a oeste e a sudeste (o que se chama de fronteira), alguns pequenos núcleos urbanos e muitas fazendas de gado organizadas com certo aspecto militar, para defender a terra e a fronteira. Nessa época o gaúcho é uma figura presente, servindo como trabalhador especializado nas lides do campo e como soldado de seu empregador, a quem serve fielmente.

Em 1835, ocorre no Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha devido a pelo menos duas causas: à falta de proteção ao charque sul-rio-grandense que competia em condições desfavoráveis com o charque platino no mercado central brasileiro e o sentimento de autonomia e de diferença, acrescido de um grande ressentimento por aquelas lutas para manter a fronteira do Império. Chegou-se inclusive a proclamar o Rio Grande do Sul um país, mas um país que escolhia a república como forma de governo. Isso foi devido à expressão ideológica do Liberalismo que pregava a destituição do poder das aristocracias e a constituição de repúblicas modernas.

Foi no período da Revolução Farroupilha que a denominação *gaúcho* passou de pejorativa para um termo que designa homem heróico, corajoso. Eis o início da constituição do mito do gaúcho, o qual o destacou do grupo social e regional e passou a ser visto por suas características mais elogiáveis, tais como a coragem a toda prova, a honra, a honestidade, o excelente caráter, o amor pela liberdade, a irreparável hospitalidade e o patriotismo.

Os gaúchos rio-grandenses, antes de qualquer coisa, têm suas raízes na própria colônia, de cujos muros saíram tais aventureiros, tanto para se mesclar aos índios, como para courear nas “vacarias do mar”: eram chamados de changadores, gaudérios e, finalmente, gaúchos. Sabe-se que aproximadamente em 1820, Auguste de Saint-Hilaire, autor de *Viagem ao Rio Grande do Sul*, que percorreu os pampas do atual Rio Grande do Sul, definiu o gaúcho como homem que vivia da carne, morava em ranchos, tinha hábitos do chimarrão, do fumo e andava a cavalo.

Os primeiros testemunhos do perfil social do gaúcho sul-rio-grandense foram deixados pelos viajantes estrangeiros. Entre eles destaca-se o já citado naturalista francês Saint-Hilaire que considera o habitante, de uma maneira geral, muito generoso e hospitaleiro. Para o autor, o meio geográfico influencia no caráter do indivíduo: o modo de viver e o tipo de trabalho tornam o rio-grandense possuidor de hábitos cruéis e sanguinários, porém, apesar de rude e grosseiro, ele apresenta-se como um ótimo soldado.

A definição do perfil do ser gaúcho nasceu da sua facilidade de dominar as lidas de campo, percorrendo os pampas, domando, tropeando e carneando e por viver pelos galpões das estâncias, saboreando um chimarrão, enquanto preparava um churrasco no espeto, num fogo de chão.

O gaúcho, o homem do nosso pampa, também chamado gaúcho continentino, nasceu e se desenvolveu bilíngüe, atraído simultaneamente, ao norte, pelo Brasil, e ao sul, pelo Uruguai e pela Argentina. Contribuíram para a sua composição étnica o português, o espanhol, o índio, o negro e o paulista. Essa posição de fronteira desenvolveu o instinto de luta, por isso diz-se que o gaúcho brasileiro era sobretudo um soldado. O símbolo histórico do Rio Grande do Sul seria, fatalmente, um guerreiro com o intento de defender a linha divisória do estado. O meio físico colaborou no sentido de lhe determinar a forma específica do exercício da atividade guerreira, obrigando-o, diante das vastas planícies, a procurar o auxílio do cavalo, para vencer as distâncias com rapidez e ir ao encontro ou em perseguição do inimigo.

Quanto à figura histórica do gaúcho, num primeiro momento, ele foi tido como um tipo social situado à margem da sociedade e do processo produtivo. Seu nome foi usado de forma pejorativa, pois, naquela época, gaúcho significava pobre, órfão, marginalizado. Esse fato se dava porque os primeiros gaúchos eram filhos de

soldados e aventureiros, que em sua maioria eram esmagados pelas guerras. Esse é o antigo *guasca* ou *gaudério*, elemento que vagava pelos campos, solitário ou em bandos, caçando gado chimarrão para sua subsistência e tido como inimigo da lei e do latifúndio. Com o decorrer do tempo foi absorvido como mão-de-obra assalariada para as atividades das estâncias. De acordo Arendt (1995), aqueles que se submeteram a essa situação passaram a ser vistos, através de uma construção ideológica, como defensores da ordem e das propriedades. Nesse contexto, a Literatura e a Historiografia transformaram-se em ferramentas importantes de conversão do antigo “pária” em herói. A partir desse momento, gaúcho não foi mais gaudério, o guasca, mas a denominação gentílica do habitante da Campanha.

O tratamento dado aos diversos designativos do habitante do Rio Grande do Sul sofreu transformações ao longo do tempo. É importante buscarmos a origem e as conotações que caracterizaram o homem sulino em diferentes épocas da história rio-grandense, pois esses nos dariam suporte para mostrarmos o modo como se deu a transformação do “pária social” em peão, e esse, por sua vez, em herói.

No período colonial, principalmente na idade do couro (período denominado dessa forma por vários historiadores, porque o couro era utilizado para os mais diversos fins) surgiu o termo *guasca* (tira de couro cru) nas crônicas dos viajantes denotando o homem entregue à lida do campo no sul do Brasil. No decorrer dos séculos XVII e XIX surgiu o termo *gaudério* designando um tipo específico composto pelos aventureiros paulistas e por componentes da população inicial da Província de São Pedro, que desertavam das tropas regulares e passavam à vida rude dos coureadores e ladrões de gado. No final do século XVIII, o termo *gaudério* seria substituído por *gaúcho*, mas ainda iria manter o sentido pejorativo de ladrão, vagabundo e desertor. Somente em meados do século XIX, temos o vocábulo *gaúcho* significando também peão e guerreiro, ou seja, o homem da estância envolvido com as atividades pastoris e, ao mesmo tempo, guerreiro nos conflitos platinos. A figura marginal do *gaúcho-pária*, desordeiro, imoral e inimigo do latifúndio, já estava praticamente extinta, surgindo então um outro tipo de formulação ideológica: o *gaúcho* cheio de virtudes civis e militares. A figura do *gaúcho* tornou-se enfim motivo de orgulho, ao criar uma identidade para todos os rio-grandenses.

Inicialmente, o *gaúcho* era um homem destemido, sem direção fixa, que vivia de fazenda em fazenda, executando tarefas campeiras, livre, sem patrão, sem

apego a valores econômicos. Ele vivia junto ao seu maior bem, o cavalo, ao sabor da natureza, vivendo em harmonia com ela. Logo após, o termo gaúcho perdeu o sentido negativo, à medida que ele ia sendo inserido no projeto civilizatório da classe dominante. Gonzaga apud Duarte (2003) diz que em meados do século XIX, a figura marginal do gaúcho já estava praticamente extinta, por conseguinte, apta a renascer como instrumento de sustentação e imposição ideológica.

De fato, com o rolar do tempo, o sentido pejorativo que envolvia a figura do gaúcho primitivo foi adquirindo outras conotações, até cristalizar-se num simples nome gentílico. A própria figura que o termo representava terminou desaparecendo. O território do antigo continente começou a ser povoado com gente que veio para ficar. “Os espaços foram sendo ocupados, chegando-se a um ponto em que não havia mais lugar para o gaúcho na sua feição primitiva, marcada pelo nomadismo e recortada nas lonjuras dos horizontes sem fim” (REVERBEL, 1986, p. 86).

A literatura teve papel de suma importância na fixação de tal ideologia, pois consagrou ao tipo gaúcho o lugar de fundador da pátria gaúcha, tanto de um lado como de outro da fronteira. Nesse sentido, garantiu a elevação mítica desse personagem, obscurecendo seus defeitos e exagerando as suas virtudes.

### **3.2 O mito do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”**

O gaúcho foi uma figura masculina que em meados do século dezenove já era um mito, era o símbolo dos pampas. Durante a Revolução Farroupilha, o termo *gaúcho* deixou de ser depreciativo e passou a significar homem digno, bravo, patriota e destemido. Ele passou a ser cultuado, a partir desse momento, como indivíduo irreverente, guerreiro, ligado às lidas do campo e do gado. Dentre as principais características do gaúcho podemos citar: ele é guasca (homem rude), largado, é o monarca das coxilhas e o centauro dos pampas, é sadio, inteligente, desembaraçado, ágil, audaz, valente, franco e generoso.

Monarca das coxilhas representa o símbolo da hombridade, bravura e fortaleza de espírito. O gaúcho, juntamente com as suas características, foi estilizado e cultuado na literatura como "o centauro dos pampas" e "monarca das coxilhas", um herói que galopava livre, distribuindo justiça e generosidade. Não se concebe um gaúcho sem seu cavalo, fiel companheiro do gaúcho. As freqüentes lutas pelo gado

e pela terra deram ao gaúcho uma identidade guerreira numa função política: guardião do pampa.

Azevedo (2003) explica que o gaúcho, vinculado à vida campeira, é um produto da fusão de realidade, ideologia, lendas e mitos populares. A prática do contrabando é associada a ele numa época em que na região da campanha o gado andava solto: era uma terra onde se lutava por ganância e interesses diversos com os castelhanos e entre si. Das constantes lutas surgem os atributos do gaúcho: coragem, bravura e prontidão para defender as suas terras.

Monarca das coxilhas vem do termo "monarquizar" que significa cavalgar a esmo, montar no seu cavalo e galopar pelos campos abertos sentindo o vento sulino (minuano) bater-lhe nos cabelos e no rosto. De acordo com o *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*, monarquizar significa cavalgar de forma exímia e elegante. Montar bem a cavalo, como um monarca. Desempenhar funções de monarca, dominar, imperar. Variação de *monarquizar*. Esse termo foi muito usado pelos autores românticos da Sociedade Partenon Literário, enquanto que o termo "centauro dos pampas" foi utilizado devido à identificação plena do gaúcho mitificado com o cavalo, assemelhando-se assim à entidade mitológica de corpo metade cavalo, metade humano.

No tocante ao Rio Grande do Sul, as imagens do "centauro dos pampas" e "monarca das coxilhas" surgem na mesma época e, de acordo com Silveira (2004), são equivalentes, pois este último estabelece seu reinado pelos pampas gaúchos, fazendo de seu cavalo o seu trono maior, já prenunciando a importância da relação entre homem e cavalo. O monarca das coxilhas surge como presença constante nos versos de compositores e poetas populares, advinda da cultura popular representada pelo cancionista popular que deu vida à literatura oral do Rio Grande do Sul, sendo mais tarde então trabalhada nos moldes da narrativa romântica.

O mito do gaúcho foi fundado no interior da sociedade rio-grandense e instaurado no discurso mitológico, histórico e ficcional. Conforme Silveira (2004), esse mito refere-se ao homem, imaginariamente constituído em herói que, unido ao cavalo, vive livre pelo pampa sul-americano, nos remetendo à imagem do centauro, um ser mitológico que remonta à Grécia Antiga e que ressurgiu sob outra roupagem, ressignificado pela sociedade que o recriou e que o continua reinventando incessantemente.

A relação entre o homem e o cavalo não é de uma união literalmente carnal, mas de uma complementação simbólica, representando a figura do centauro, que é um herói e um mito na história e na literatura do Rio Grande do Sul. O cavalo empresta ao homem seu instinto de ser livre, sua velocidade, sua elegância, enfim, a sua majestade. Homem e cavalo unidos formam o centauro dos pampas, habitando esse lugar tão diferente das montanhas e florestas da mitologia grega, representando não só a união do homem com o cavalo, mas também a união desse ser unificado com a terra que habita e defende. Essa defesa do território está diretamente vinculada à demarcação de fronteiras entre os países do extremo sul da América Latina, o que manteve o gaúcho bastante ativo nas guerras e revoluções que envolveram o Brasil, o Uruguai, a Argentina e o Paraguai.

O caso do centauro dos pampas é um exemplo de um herói nomeado pela história, esse mito está vivo na história, na literatura e na memória recente de todo um grupo social, que se identifica mais ou menos com ele, que pode reafirmá-lo ou negá-lo, mas que não passa por ele com indiferença.

Numa necessária atualização, já é possível conferir no dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul a presença do termo “centauro” que tem funcionamento de substantivo e de adjetivo, sendo apresentado inicialmente como “a denominação dada, no Rio Grande do Sul, aos gaúchos que nas revoluções peleavam a cavalo e de forma genérica e mais atualizada é conhecido com hábil cavaleiro” (NUNES, 1984, p. 102). Nessa definição começa a aparecer uma peculiaridade do centauro rio-grandense, que é o seu caráter revolucionário e guerreiro, a sua relação direta com revoluções e guerras, como é o caso da Revolução Farroupilha.

De acordo com Schüller (1987), a mitificação do gaúcho como monarca se dá num período que ele denomina de uma das vertentes literárias do cancioneiro rio-grandense: o texto monárquico. O texto monárquico realiza a exaltação de um tipo de homem inserido numa sociedade rural e campeira, de elevado caráter, viril, belicoso, bom cavaleiro, treinado na arte da doma e independente, cujo maior anseio é a liberdade. Quem tem esse perfil, conforme o autor, é gaúcho e monarca das coxilhas.

Schüller (1987) identifica na produção literária gaúcha o momento do surgimento desse mito, em meados do século XIX, junto ao surgimento daquela

vertente literária. Para o autor, o texto monárquico alimentou-se de um importante momento histórico do Rio Grande do Sul: a Revolução Farroupilha (1835-1845), uma guerra empreendida pelos grandes criadores de gado da Província de São Pedro contra o Império do Brasil. Uma luta entre soberanos: a Coroa e os soberanos dos pampas. Dessa forma, a mitificação, segundo o referido autor, articula-se sobre um código moral que identifica aquele tipo humano, código esse feito de liberdade, independência, lealdade, coragem e bravura. O homem do campo, exímio cavaleiro e domador de animais, que integrou fileiras de soldados, “passou a ser símbolo de coragem, lealdade e liberdade. Criado estava o ancestral mítico do gaúcho, aquele do qual todos os sul-rio-grandenses, não importa a ascendência, se declaram filhos” (SCHÜLER, 1987, p. 47).

O gaúcho monarca se torna modelo para a vida das outras pessoas e age dentro de um padrão de comportamento. Os atributos liberdade, independência, coragem e bravura são encontrados nos poemas e obras cujo tema é o tipo humano gaúcho e, através desses atributos, ele é identificado. É através do seu código moral que reconhecemos o gaúcho, e, como afirma Schüller (1987), o rio-grandense passa a se comportar como se o monarca fosse o ar que respira ou a água que bebe na sanga; o monarca torna-se necessário à vida e à compreensão da história.

Segundo Flores (11 dez. 2004), o mito do gaúcho "monarca das coxilhas" nada mais é do que a interpretação de uma realidade.

A construção do gaúcho mítico partiu do real e se tornou plausível com referenciais históricos, passando no decorrer do tempo a ser considerada como conhecida de todos, embora seja uma criação que se processou lentamente, até se tornar anônima, formando uma tradição de geração em geração. Em pouco tempo o mito se confunde com tradição, sendo aceito por todos porque a narrativa usa matrizes sociológicas do trabalho campeiro, na camaradagem galponeira e na turbulência das antigas revoluções e lutas na fronteira (FLORES, 11 dez. 2004, p. 2).

A simbologia do monarca das coxilhas assume presença marcante logo no início do romance no Rio Grande do Sul. Já em 1848, Caldre e Fião, na sua obra *O corsário*, traça o perfil do monarca das coxilhas, como se pode comprovar no trecho a seguir.

Traziam chapéus arredondados de abas longas; trajavam chilipás com franjas; coletes vermelhos, chales de cachemira, velhos amarrados à cintura, excetuando um deles que cingia uma linda e bordada guaiaca; e traziam ainda grandes e pesadas chilenas de prata; estavam armados à rio-grandense com espada, duas pistolas, uma faca, uma carabina e o laço e as bolas, que estavam seguras aos tentos dos cavalos; seus aspectos eram

guerreiros; em seu todo apresentavam uma lhana fraqueza e alegria bem pronunciada (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 158).

Caldre e Fião é o patriarca da literatura gaúcha e um dos fundadores do romance brasileiro. O verdadeiro ingresso do autor gaúcho na ficção brasileira ocorreu com a sua segunda obra, *O corsário*. Pela primeira vez a literatura erudita traçou o perfil do tipo regional, incorporando também os vocábulos locais e termos dialetais na descrição de usos e costumes.

*O corsário* é a construção romanesca em que aparece pela primeira vez descrita a figura do gaúcho. Nele figuram, emprestando-lhe características de natureza histórica, episódios relacionados com a revolução dos farrapos. Os acontecimentos de 1835, pano de fundo do romance, revestem-no de especial significação. Carlos Dantes de Moraes diz o que representa o decênio farroupilha para o povo gaúcho.

A partir de 70, *gaúcho* e *monarca* se confundem. Os rio-grandenses, na sua generalidade, a principiar pelos cultos das cidades, passaram a ver com uma complacência narcisista os vincos e as marcas que o tipo rural campeiro deixara em seus hábitos, em seu linguajar, em muitos impulsos e sentimentos. O gaúcho tornara-se o protótipo de todo um povo, cujos ascendentes se tinham exercitado principalmente nas lides do pastoreio, da guerra e da política. Pode-se dizer que a revolução de 35 e a figura eqüestre do nosso campeador representam as emoções que mais fundas raízes lançaram no coração dos rio-grandenses (MORAES apud REVERBEL, 1986, p. 95).

O gaúcho, mitificado como monarca das coxilhas, já pertencia à tradição popular no tempo de Caldre e Fião. Através de seu romance adquiriu foros de cidadania na literatura nacional.

Em 1877, na obra *Os farrapos* de Oliveira Belo, o gaúcho aparece destacado como símbolo rio-grandense, como o bom campeiro, o monarca das coxilhas. Albeche (1996) diz que o romance de Oliveira Belo, também visando à propaganda dos ideais republicanos, destaca os símbolos de liberdade, coragem, valentia e bravura na imagem do gaúcho no combate à tirania do Império. Oliveira Belo utiliza a Revolução Farroupilha como a Idade de Ouro, para representar o tipo primordial rio-grandense, exaltando seus atributos e dizendo que o monarca e o gaúcho são a mesma pessoa: “O vaqueano é uma entidade singular, à parte; o próprio gaúcho, o monarca da coxilha, admira-o; o gaúcho que conhece seus campos natais como a choça em que nasceu” (BELO, 1985, p. 15).

O símbolo de monarca das coxilhas conota um mundo positivo, sem males e plenamente livre. Na literatura gaúcha, Bento Gonçalves da Silva (1788-1847) estancieiro, militar e revolucionário gaúcho foi prestigiado como o monarca das coxilhas. Ele é o paladino defensor da liberdade, cuja grandeza sobressai acima de todos os monarcas dos pampas. Assim Bento Gonçalves vive na memória dos gaúchos, nas histórias, poemas e romances.

Com o centauro dos pampas e o monarca das coxilhas, está criado o gaúcho-tipo. Esse gaúcho estereotipado, quer seja considerado tipo, símbolo, mito, é o elemento de união entre o regional e o universal. Tem livre curso nos pampas, nas coxilhas e no imaginário do povo rio-grandense. É nele que os escritores, contadores de causos e trovadores vão buscar inspiração e temáticas.

Após a Revolução Farroupilha que ocorreu de 1835 a 1845, observa-se o crescente prestígio do "monarca das coxilhas". De acordo com Marobin (1985), para se caracterizar essa exaltação do "monarca das coxilhas" são relevantes três romances: *O corsário*, de Caldre e Fião, *O vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre e *Os farrapos*, de Oliveira Belo. Essas três obras possuem estrutura diferente e são de datas diferentes, porém as três estão centradas na personagem histórica e mítica de Bento Gonçalves, transformado em monarca das coxilhas, valente, forte, leal, cioso da grandeza e liberdade do seu povo.

É dentro do contexto das guerras de expansão e fixação das fronteiras do Rio Grande, que marcaram todo o período colonial e seguiram até o século XIX, que encontramos a figura do peão de estância transformado em soldado de ocasião, como integrante das forças bélicas que defenderam o território gaúcho. Assim, a sua habilidade e valentia no trabalho campeiro foram transferidas para o campo de batalha. Dessas circunstâncias (lides na atividade ligada à pecuária e participação em combates) formou-se o binômio peão-guerreiro.

De acordo com Arendt (1995), o mito do gaúcho herói é visto pela maioria dos estudiosos contemporâneos como uma construção ideológica dos grupos dominantes, compostos principalmente por estancieiros e líderes políticos, que encobria os problemas sociais do trabalhador rural, principalmente da região da Campanha, nas áreas fronteiriças com a Argentina e o Uruguai, onde, historicamente, se desenvolveu a atividade pecuária. É nesse cenário que o mito do gaúcho-herói, na figura do peão de estância, surgiu e exerceu seu papel principal no

trabalho com o gado e na defesa do território contra o invasor castelhano, assim visto pelos luso-brasileiros, o que propiciou, por conseguinte, a formação do binômio peão-guerreiro.

O gaúcho viveu, por longo tempo, dentro de uma atmosfera de lutas, conflitos e guerras, desenvolvendo, predominantemente, as lides do campo e do pastoreio, influências marcantes do seu caráter. O monarca das coxilhas nada mais é do que o herói desses tempos primordiais da história rio-grandense. O gaúcho monarca, independente da ideologia a que serve e da condição social de quem o observa, seduz pelo arquétipo que representa: o homem livre, dono de si, altivo, orgulhoso de sua natureza, nobre, conhecedor de seu meio, hábil em seu ofício de campeiro e corajoso. É um exemplo de ou uma referência de ser e viver a vida: um mito.

### **3.3 O mito do gaúcho: conceito e forma**

A retrospectiva do nosso passado histórico nos mostra a evolução do gaúcho e suas características primordiais. Esses fatores estabelecem a base para a formação do gaúcho mítico. De acordo com Barthes (1993), o mito moderno é composto pelo *conceito* que é intrínseco e histórico, e pela *forma*, que extrínseca e imediata. A constatação de ambos, em relação ao gaúcho, resulta na *significação*, ou seja, no mito do gaúcho: a gauchidade. Gauchidade é aqui referida como o termo que designa o que seriam as características e qualidades do gaúcho. Nesse neologismo notamos o sufixo *-idade*, como formador de um substantivo a partir do adjetivo gaúcho, indicando uma característica da identidade do habitante do Rio Grande do Sul. O *conceito* do mito constitui o modo de ser do gaúcho, os fatores originários de sua formação histórica, na terra e na guerra: o espírito aventureiro e guerreiro, a coragem, a agressividade, a energia e o sangue-frio. A *forma* do mito do gaúcho transparece no seu traje característico: bombachas, botas, lenço no pescoço, chapéu, esporas; nos seus utensílios de trabalho: faca, laço; nos seus hábitos: alimentar-se de churrasco, tomar chimarrão, fumar cigarro de palha; e na linguagem: usar expressões típicas da região, juntamente com castelhanismos. Da soma dos aspectos interior e exterior do gaúcho mítico, *conceito* e *forma*, resulta a *significação*: a gauchidade, isto é, o mito de um gaúcho todo-poderoso, revestido exteriormente de trajes dignos desse espírito dominador.

Tendo em vista que o mito é expressão da vida social humana, como resposta que um grupo dá a seus anseios, medos e angústias, e é, antes de tudo, um exemplo a ser seguido, pois instala certos modelos de conduta, temos que o mito do gaúcho heroicizado foi utilizado como exemplo a ser seguido, objetivo esse propagado pela classe dominante.

O estudo do mito do gaúcho permite-nos entrar no imaginário de uma determinada realidade histórica, que, confrontada com outras manifestações, passa a nos revelar o nível profundo de continuidade da longa duração que caracteriza o núcleo simbólico. Albeche (1996) coloca que os qualificativos míticos literários atribuídos à imagem do gaúcho fazem parte de uma estrutura capaz de se repetir, cujo significado é constantemente reinterpretado. Assim, não podemos definir uma representação da imagem imutável do gaúcho na literatura e na historiografia.

### **3.4 Características do gaúcho primitivo**

Foi em meio às lutas cruéis encetadas pelos espanhóis e os defensores da coroa portuguesa que surgiu o tipo altaneiro chamado gaúcho. Ele foi fruto da mescla de vários tipos étnicos que entraram na formação do homem sulino e que possuíam grandes requisitos: amor à liberdade, bravura e apego pela sua terra. O silvícola rio-grandense, charrua, minuano, tape ou guarani, pode ser considerado o primeiro elemento étnico, pois era o dono natural da grande terra continental e foi com altivez que recebeu os catequistas espanhóis. Os jesuítas, os grandes idealizadores dos povos missioneiros, obtiveram a confiança dos índios, catequizaram-nos e conseguiram deles colaboração e interesse na criação de gado, na lavoura, nas construções e nas artes. De acordo com Duarte (2003), a pretensão dos jesuítas não era a de subjugar os índios, e justamente por esse motivo foram aceitos como amigos. A índole altiva, guerreira e sincera do silvícola foi moldada para o trabalho coletivo, e o índio tirava o sustento de uma terra onde era o senhor.

Além do habitante natural, a Capitania Del-Rei recebeu um grande número de paulistas, lagunistas e vaqueiros profissionais da margem do São Francisco. Esses grupos que iam até a Colônia do Sacramento, guiando tropas, eram homens rudes, que não davam importância à administração portuguesa. Acostumados ao trabalho pesado, muitos deles, ao se depararem com as ótimas pastagens e clima favorável,

resolveram fixar-se nas terras do Continente. Para tanto, trouxeram suas famílias e iniciaram, com uma pequena criação e um pouco de lavoura, uma estância. A vida desses pequenos estancieiros era dura e não raras vezes morriam para defender o seu pedaço de terra. Os castelhanos que há muito dominavam o Continente reuniam-se em bandos e assaltavam as estâncias, saqueando e destruindo tudo. Mas, os mesmos homens, quando moradores do centro do país eram avessos a ordens, alistados ao Corpo dos Dragões, lutavam unidos contra os invasores castelhanos que queriam apossar-se do Continente. A índole dos defensores era a do homem que acima de tudo ama a sua liberdade, homem forte e trabalhador, mas que, “ao sentir na mão o peso de uma arma, vê renascer em si, com mais força, o desejo de permanecer e lutar por uma terra que, por direito, pertencia a Portugal e não à Espanha” (DUARTE, 2003, p. 78).

O terceiro elemento étnico que participou de maneira destacada na formação do homem rio-grandense é o açoriano. Os açorianos tinham como missão principal promover o povoamento e cultivar as terras que o Governo lhes proporcionava. Esses imigrantes trouxeram consigo elementos que muito influíram no caráter do homem gaúcho: honestidade, amor ao trabalho e coragem. Essas primeiras famílias portuguesas, de modo geral, muito prolíferas, deram origem a um grande número de tradicionais famílias rio-grandenses. Além dos imigrantes açorianos, grandes números de alemães e italianos radicaram-se em terras rio-grandenses. Os três povos do continente europeu trouxeram consigo um apreço especial pela cultura da terra e desenvolveram de maneira progressista a agricultura.

Desde seus primórdios, o gaúcho apareceu marcado pela força telúrica. Possuiu vida rude e instintiva. Aos poucos o gaúcho foi deixando a sua vida nômade e se identificando como peão, que se instalou nas fazendas, auxiliando nos trabalhos do campo. Entretanto, ainda conservava o gosto pela vida fácil e pela liberdade, vivendo sem chefes, nem leis, respeitava a propriedade de quem o ajudava e nele depositava confiança.

Segundo Arendt (1995), a literatura e o folclore foram elementos que concorreram extraordinariamente para fortalecer o mito, poetizando quase tudo o que se referia ao peão, de tal forma que lhe impingiam uma aura de heroicidade, nobreza e valentia, atributos essenciais do mito e incorrosíveis pelo tempo. Ao gaúcho mitologizado foram concedidas qualidades físicas e morais tais como a

valentia e a virilidade, quanto ao aspecto físico; a honra, a lealdade, a bondade, a franqueza, a pureza e o desprendimento, no que se refere a atributos morais. Mas sem dúvida o maior atributo é o telurismo, ou seja, a estreita relação com a natureza e do qual resultam os demais atributos acima já citados.

Aos poucos, o gaúcho evoluiu e se socializou, mas sem abandonar suas características básicas, dentre as quais a principal é o apego ao seu cavalo, pois o gaúcho é um perfeito cavaleiro. Sente-se dono da imensidão geográfica, que percorre cavalgando, e experimenta a sensação de domínio sobre ela. É a identificação perfeita com a terra.

O gaúcho dedicou-se em reponer o gado para os rodeios a fim de amansá-lo; também trabalhou com a marcação, a doma e o abate de gado. Essa atividade violenta requeria força física e habilidade no manejo dos instrumentos de trabalho que são o laço e boleadeira. Dessa forma, o trabalho campeiro desenvolveu no gaúcho a energia, a destreza e a coragem; fez com que ele desprezasse o perigo e adquirisse certa resistência física, qualidades também exigidas nas guerras. Ele dividia o seu tempo entre os trabalhos pastoris e a guerra. A campanha gaúcha dividia-se em comandantes militares, cujos chefes eram os estancieiros, e os milicianos que eram os gaúchos. Quando havia necessidade, os chefes, hábeis militares, investidos de autoridade, formavam um núcleo composto pela peonada, que constituía a tropa de combate. O Estado recorria a esses chefes em caso de luta, as quais eram necessárias para defender a terra contra tudo e contra todos.

Outra característica relevante do gaúcho é o apreço pela liberdade, o que não nos causa surpresa, pois a Capitania de São Pedro sempre foi cobiçada pelos espanhóis, e devemos aos bravos lutadores rio-grandenses o não falarmos a língua castelhana. Saint Hilaire, no começo do século XIX, escreveu acerca dos homens da província.

Chamou-me a atenção, desde a minha entrada nesta Capitania, o ar de liberdade de todos que tenho encontrado e a destreza de seus gestos, livres da languidez que caracteriza os habitantes do interior. Seus movimentos têm mais vivacidade e há menos afabilidade em suas maneiras. Em uma palavra são mais homens (SAINT HILAIRE apud DUARTE, 2003, p 81).

Os cruzamentos dos diferentes tipos étnicos que entraram na formação do gaúcho influíram de maneira decisiva nos seus hábitos religiosos e morais. O gaúcho se mostrou destemido e defensor do que tinha de precioso, a sua honra era

algo intocável. Ele conseguiu firmar a tradição de homem forte, graças às leis que ele próprio criou, as quais compõem o seu código moral.

O homem gaúcho, formado pela miscigenação de raças e povos tão diversos, criou nas planícies sulinas um modo próprio de encarar o aspecto religioso, pois de modo geral nos é lícito dizer que a constituição geral do nosso povo é frágil no que se refere à religiosidade.

Se não existem provas de completa indiferença, não se encontram, tampouco, ardentes afirmações de fé, demonstrações enérgicas de crença. Em matéria religiosa, o que sempre se observou, aqui, foi um belo e sólido equilíbrio, distante, por certo, da indiferença e mais distante ainda do fanatismo (SILVA apud DUARTE, 2003, p. 88).

Nas horas de lazer e de descanso, o gaúcho reunia-se no galpão, ao pé do fogo, para conversar, ou nos bolichos para beber, jogar, apostar carreiras e dançar ao som da viola. Sua alimentação era, predominantemente, a carne (churrasco) e o chimarrão. Tais costumes e tal modo de vida foram responsáveis por esses homens serem fortes, orgulhosos, rudes, energéticos, corajosos, que demonstravam amor à liberdade e à sua terra.

### **3.5 O mito do gaúcho presente na literatura sul-rio-grandense**

No Rio Grande do Sul, durante o período colonial e mesmo durante as primeiras décadas do Império, houve poucas condições para o desenvolvimento da literatura. Até o início do século XIX, a literatura produzida no estado era oral, impregnada de mitos e lendas. A esse fato se somam vários fatores como a dedicação da população gaúcha à atividade pastoril, o distanciamento geográfico do estado dos centros de cultura letrada (São Paulo e Rio de Janeiro), a pouca influência da igreja (portadora de cultura escrita) no estado, e também o permanente estado de guerra. Conforme Cesar (1971), o mais certo seria dizer que desde a fundação do presídio, depois cidade, de Rio Grande, até pelo menos a independência, não houve lazeres, nem cultura letrada, nem ambiente propício à criação literária que se comunicasse ao público.

Foi justamente no período correspondente à Revolução Farroupilha que surgiu uma série de poetas, todos ligados ao movimento que então se fazia sentir na província de São Pedro. Esses poetas vincularam-se aos dois grupos políticos em

luta. Uns ligados às forças legalistas (imperiais), outros às forças republicanas (revolucionárias). O primeiro grupo era, sem dúvida, o mais importante, já que seus integrantes foram os que conseguiram ver suas obras publicadas. Entre eles, encontravam-se Maria Clemência da Silveira Sampaio (publicou em 1823, *Uma voz ao sul*, o primeiro livro da literatura gaúcha), Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas e Maria Josefa da Fontoura. No outro grupo, cujas obras se dedicaram exclusivamente à exaltação dos vultos farroupilhas e a temas ligados ao movimento revolucionário, encontravam-se Pedro José de Almeida, os irmãos Sarmiento Mena, Francisco Pinto da Fontoura, entre tantos outros que se lançaram a cantar as glórias da revolução. “Esta primeira fase da nossa literatura se encontra ainda impregnada dos caracteres da poesia árcade, no entanto já evidencia os primeiros indícios de um romantismo nascente” (BAUMGARTEN, 1982, p. 18).

Surgiu também nesse período o primeiro romance gaúcho, *A divina pastora* (1847) de José Antônio do Vale Caldre e Fião, logo seguido d’*O corsário* do mesmo autor. É Caldre e Fião o criador do romance gaúcho e sua atuação na vida literária da Província foi grande, uma vez que ele seria o primeiro presidente do Partenon Literário, associação de grande impulso às letras rio-grandenses. Essa associação seria a responsável pela difusão das obras dos rio-grandenses que se dedicavam à produção literária. Entre eles, Apolinário Porto Alegre, Damaceno Vieira, Amália Figueiroa, Luciana de Abreu e Eurodoro Berlink.

É com o Partenon Literário que vai ser inaugurado o regionalismo no Rio Grande do Sul. Buscando a inspiração no seu passado recente, os autores vão descobrir o homem livre dos primeiros tempos, o peão de estância, o monarca das coxilhas, responsável pela conquista da terra. Voltando-se para temas regionais e incorporando termos característicos da linguagem da campanha, foi o grupo do Partenon que abriu o caminho para o regionalismo gaúcho propriamente dito, inaugurando aquele que se constituiu no mais abundante veio poético de nossa literatura (BAUMGARTEN, 1982, p.19).

No dizer de Guilhermino Cesar “é com o Romantismo que verdadeiramente se inicia o processo literário no Rio Grande do Sul” (CESAR, 1971, p. 203). Foi no período do Romantismo que se deu o surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul. Então, a literatura oral passou a se fixar como literatura escrita. É nesse período também que o tipo social e as características do gaúcho passam a integrar os textos literários escritos no estado.

De acordo com Zilberman (1982) a formação da literatura sul-rio-grandense dá-se em meio ao Romantismo tardio importado pelos escritores membros do Partenon Literário. Talvez sua mais importante contribuição tenha sido a implantação do regionalismo, tendo escolhido o tipo humano popular associado às atividades pastoris como a base da expressão artística. Também é observada a tendência à celebração da Revolução Farroupilha como o episódio mais importante do passado regional, durante o qual se manifestaram valores célebres que elevaram a civilização sulina.

O conceito de regionalismo usado para denominar as primeiras obras literárias gaúchas está aqui empregado no seu conceito tradicional, o qual designa toda a ficção, produzida no estado, vinculada à descrição do que é peculiar da região. Dessa forma, o regionalismo tratou de exaltar e reforçar a figura mitificada do gaúcho mesclada com acontecimentos históricos e a linguagem e costumes locais.

Dentro da geração de escritores provenientes da Sociedade Partenon Literário, a obra *O corsário* de Caldre e Fião foi a primeira obra a exaltar a figura do gaúcho monarca das coxilhas. Posteriormente, escritores como Simões Lopes Neto, Érico Veríssimo, Alcides Maya e Darcy Azambuja, entre outros, detiveram-se em focar, em suas obras, as características intrínsecas e extrínsecas do gaúcho. Essas compõem o conceito e forma do mito, colaborando, desse modo, para fixar o gaúcho mítico na literatura sul-rio-grandense.

### **3.6 O Romantismo no Rio Grande do Sul e a idealização da figura do gaúcho como o “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”**

Em 1868 surge no Rio Grande do Sul, a Sociedade Partenon Literário. Os anos de 1860-70 foram para o Rio Grande literário o começo da circulação em escala apreciável das letras, em revistas, jornais e no teatro, tudo

pela visão romântica que se enxerga claramente no gosto pelas descrições de figuras tidas como representativas, muito especialmente o gaúcho, pela primeira vez encarado como o “monarca das coxilhas”, o “centauro dos pampas”, isto é, idealizado (FISCHER, 2004, p. 39).

O Partenon Literário, agremiação de intelectuais gaúchos, desde escritores até profissionais liberais, e outros, entre os anos de 1868 a 1880, datas respectivas da fundação e término, sofreu grande influência romântica, em especial de Alencar, e

aproveitou o tipo regional para torná-lo assunto literário, heroicizando-o. Além da utilização do campeiro como pretexto poético, com o Partenon “dá-se a introdução de assuntos regionais na literatura: os hábitos rurais, a paisagem do Sul e as peculiaridades lingüísticas convertem-se em motivos que inundam os textos, particularizado a poesia rio-grandense” (ZILBERMAN, 1982, p. 16).

Esse movimento foi pioneiro no Rio Grande do Sul, lutou pela atividade literária num ambiente precário para qualquer manifestação intelectual; além disso, também deitou raízes na literatura sulina para as gerações seguintes, no que tange, principalmente, ao aproveitamento das cores locais, ou seja, o entendimento do conjunto da totalidade das características sul-rio-grandenses desde as condições de vida, até o meio ambiente físico.

O Partenon foi uma agremiação engajada politicamente, embora não tivesse influência direta sobre as decisões do Estado. O discurso de seus escritores e outros participantes era fixado em tópicos centrais, os quais são descritos por Regina Zilberman.

A valorização da liberdade e de seus heróis, os gaúchos; a rejeição do escravismo e a adesão ao programa liberal ou republicano; a promoção do Rio Grande do Sul como local onde se exerce a liberdade, corporificada pelo campeiro, que passa a ser o protagonista de uma nova tendência da literatura nacional, o regionalismo (ZILBERMAN, 1982, p. 45).

Além do mais, o Partenon orientou o pensamento de líderes políticos que levaram adiante essas idéias, os quais seguiam as correntes doutrinárias da época, dentre essas o Positivismo, abraçado por alguns dos associados da agremiação. De acordo com Zilberman (1982) o Positivismo exerceu grande influência sobre a literatura da época que, a partir de então, andou lado a lado com a política. Dessa forma, portanto, a literatura torna-se uma espécie de espelho dos anseios da sociedade e lança-se à conquista do poder.

Além dessas questões políticas, econômicas, sociais e culturais, devemos ressaltar que a idealização do gaúcho foi também característica marcante da obra elaborada pelo Partenon. Conforme Arendt (1995) apesar de fundados em um contexto histórico marcado pela estética romântica, os escritores retomam a temática indianista, tendo o nativo como herói, apesar de o indianismo ter perdido a sua intensidade no final da década de 60, quando do início das atividades da Sociedade Partenon Literário. No entanto,

A partir dele [indianismo], se consolida a figura do gaúcho, encetando o regionalismo rio-grandense. A personagem do campeiro sulino é associada ao índio, de quem descende, configurando o parentesco que se justifica ao se proceder a equivalência entre a natureza livre de ambos (ZILBERMAN, 1982, p. 42).

E isso resulta, em parte, do ideal de liberdade ansiado por liberais e republicanos que viam, no Rio Grande, o lugar perfeito para a sua manifestação, tendo à frente as figuras do nativo e do campeiro. “Se, no começo, indianismo e regionalismo se fundiam, no final, o primeiro foi sendo, gradativamente, substituído pelo gauchismo, enaltecendo-se o campeiro, o monarca, o centauro” (ARENDR, 1995, p. 50).

Guilhermino Cesar, um dos mais importantes estudiosos da literatura gaúcha, afirma que

O peão de estância, herdeiro do monarca das coxilhas, dos heróis dos tempos primevos, o peão que era já agora uma desbotada imagem da liberdade e ousadia do outro, passou a representar para os escritores, por efeito de uma transposição perdoável, o brio, a altivez e a coragem pessoal do antigo senhor das savanas (CESAR, 1971, p. 173).

Foi com o aparecimento da Sociedade Partenon Literário, em Porto Alegre em 1868, que se começou a utilizar a figura do gaúcho mítico na literatura. Gomes (5 jan. 2006) diz que essa sociedade era composta por intelectuais embevecidos pelo sonho da Europa culta e que se lançaram a uma produção literária completamente descolada da realidade local. Cooptados pelas oligarquias do poder regional, de cujas benesses dependiam, os integrantes do grupo Partenon passaram a adequar seus referenciais estéticos aos dos interesses desse poder local, o que ocorria através da tentativa de conciliar as tendências culturais européias com a ideologia positivista da oligarquia provinciana do final do século, e com a tentativa de aproximação entre o discurso literário e o discurso político. A literatura introduzia no mundo urbano emergente, a imagem idealizada e ideologicamente fabricada do gaúcho cumprindo a função de projetar para o centro do país, uma imagem positiva dos habitantes da província sul-rio-grandense.

O objetivo dos escritores e intelectuais dessa geração estava voltado para a valorização do homem gaúcho, preocupados com a fixação de seus costumes, hábitos e tradições. Surge o peão de estância no papel de herói exaltado por sua coragem, honestidade e valentia. Tais características, que encontramos nos romances de época, fazem-se presentes nas diversas atividades do peão, desde o

seu trabalho diário na estância até a sua participação nas lutas políticas e guerras externas.

De acordo com Henkin (1987) a transposição do gaúcho – vaqueano, tropeiro – para a literatura, de forma idealizada, serve como sustentáculo ideológico à oligarquia sulina. A imagem do gaúcho como pária havia durado muito tempo e a necessidade de transformá-lo em mito surge a partir de 1835, pois ele será de grande utilidade para as elites rurais durante a guerra. Assim, aquele que antes era visto como um marginal nômade ou ladrão, enfim, quase um bárbaro, passa a ser um herói forte, corajoso e leal.

Na literatura, o processo de mitificação do homem sul-rio-grandense intensificou-se por volta de 1870 quando José de Alencar publicou *O gaúcho*, obra que fazia parte do seu projeto de montar um amplo painel da sociedade brasileira. A partir da representação dos traços mais característicos de cada região do país. Nesse sentido, Alencar criou uma espécie de “matriz” que teve ampla aceitação e difusão entre a intelectualidade gaúcha, transformando-se numa verdadeira tradição literária.

A primeira equiparação do herói gaúcho com a figura do centauro foi feita por José de Alencar na obra *O gaúcho*. Segundo Chaves (1999), foi José de Alencar que concebeu ao gaúcho a qualificação definitiva de centauro dos pampas, um ser com qualidades sobrenaturais inserido numa realidade de constantes combates, onde se fundava um lugar para o reconhecimento da legitimidade do herói, também na literatura.

Em termos de literatura brasileira, é no personagem de Manoel Canho, um gaúcho errante, valente e orgulhoso, que Alencar personifica o mito do centauro, explicitando a opinião da própria personagem a respeito das relações entre o homem e o cavalo:

O gaúcho tem um elemento, que é o cavalo. A pé está em seco, faltam-lhe as asas. Nele se realiza o mito da antigüidade: o homem não passa de um busto apenas; seu corpo consiste no bruto. Uni as duas naturezas incompletas: este ser híbrido é o gaúcho, o centauro da América (ALENCAR, 1978, p. 34).

Ao designá-lo centauro José de Alencar reúne as características humanas e animais num só ser, dando a ele atributos de ser sobrenatural, estabelecendo as devidas relações entre o gaúcho e o mito grego do centauro.

Para uma melhor compreensão da estética romântica, é importante que situemos o contexto histórico. Depois de proclamada a independência, passou a se gestar entre os intelectuais um sentimento nacionalista muito forte de valorização de tudo que fosse brasileiro e uma repulsa a tudo que dissesse respeito a Portugal. Nascidos nessa época, esse sentimento foi herdado por escritores como José de Alencar (1829 -1877) e Gonçalves Dias (1823 -1864), entre outros, que passaram a desenvolver “uma mitologia nacional paralela ao intuito de prototipar o sentimento independentista do Brasil. O nativo, nesse caso, seria uma resposta ideal na busca de um passado, de uma origem não contaminada pela influência européia” (ARENDDT, 1995, p. 42).

Regina Zilberman em sua obra *A literatura no Rio Grande do Sul* observa que essa volta às origens é a matriz de todo o mito. Sobre o indianismo, ela afirma que “como tal, idealizou as personagens, dando-lhes uma envergadura heróica, com alto padrão moral, disponibilidade à ação desinteressada e coragem imorredoura” (ZILBERMAN, 1982, p. 31).

Nesse sentido, o Romantismo foi uma escola literária de grande importância para a formação de uma literatura brasileira, já que veio ao encontro dos ideais independentistas. Foi através do sentimento nacionalista, que se cultivou o indianismo, tendo o nativo como herói nacional, livre de qualquer influência estrangeira. Ele foi o herói nacional por excelência dos românticos, o verdadeiro mito de origem, de fundação do povo brasileiro.

No Brasil o Romantismo coincidiu com a época da formação de uma consciência nacional. A grosso modo, depois de três séculos de colonialismo, dinamizaram-se algumas circunstâncias históricas que resultaram na independência: por exemplo, a vinda da família real para o Brasil, tornando-se a sede do reino e sendo elevado a Reino Unido, para a qual se seguiram medidas, como a abertura dos portos, a liberdade de imprensa e de ensino. Proclamada a independência, tornou-se necessário mantê-la e defini-la através de uma organização interna, da formação de uma consciência nacional e da participação na política internacional. Para tal, de 1822 a 1870, grande parte do esforço de historiadores, jornalistas, oradores e escritores convergiu para a realização de tais objetivos, buscando-se formar, assim, não só uma consciência nacional, mas também uma consciência da

realidade histórica, geográfica, social, política, moral e artística. O nacionalismo, que surgiu nessa época, prolongou-se, com altos e baixos, até meados do século XX.

Outro fator importante para analisarmos no Romantismo é a ideologia que o sustentou, a qual se denomina Liberalismo. Lopes (2007, p. 29) explica que

Essa ideologia é resultante do pensamento romântico-liberal, da destituição do poder das aristocracias e a constituição das repúblicas modernas. Os românticos, portanto, se auto-imputaram a condição de proximidade ao povo comum. Daí também a proposta ideológica e técnica da literatura romântica estar marcada pela idéia da liberdade temática e técnica. De fato, os românticos valorizaram a liberdade em todas suas dimensões. Duas dessas dimensões ficaram bem marcadas até nossos dias. A primeira é a liberdade de escolha do par amoroso. A segunda é a liberdade cultural. Segundo os românticos as culturas devem ser autótonas. Ainda que os românticos, no mundo, tenham partido de experiências internacionais, o que passa a valer, segundo eles, são expressões culturais características, como a dos índios, a dos gaúchos, a dos sertanejos, a dos negros, p. ex.

Ainda segundo o referido autor, há outros itens consideráveis nessa proposta, como o da liberdade política. Os atuais países latino-americanos, por exemplo, começaram a constituir-se a partir dessas idéias libertárias. Não menor foi o efeito dessas idéias libertárias sobre movimentos revolucionários internos, como a Revolução Farroupilha.

O Romantismo gaúcho também sofreu influência de idéias positivistas. Conforme Albeche (1996) o discurso positivista irá retomar o núcleo simbólico da sociedade positivista de Augusto Comte com o objetivo de propagandear os seus “científicos” princípios republicanos. O mito do gaúcho na propaganda republicana é associado aos ideais da Epopéia Farroupilha, onde o culto aos gloriosos farroupilhas é homogeneizado como modelo de união e coesão da raça, de unidade moral e mental. A Revolução Farroupilha, a exemplo dos ideais da Revolução Francesa, passou a ser símbolo de uma idade de ouro e de uma tradição exemplificada nos atos de bravura, conduta, honra, lealdade, liberdade, ordem e justiça de que os positivistas se diziam continuadores.

A homogeneização social apregoada pelos positivistas, refletiu-se em nossa história e literatura pela tendência de especificar a origem de nossa formação racial açoriana. Assim, elegeu-se um tipo idealizado, vigilante e destemeroso, em defesa da terra brasileira, o qual é associado como filho dessa geração açoriana por “guardar em seu caráter o respeito religioso e moral, a nobreza de sentimentos e os

princípios de honra que são qualificativos universais do núcleo mítico” (ALBECHE, 1996, p. 23).

José de Alencar, ao escrever *O gaúcho* (1870), projetou nacionalmente a condição heróica da imagem do gaúcho, movido pelo interesse de traçar um perfil da realidade brasileira através da literatura, a partir da projeção de uma imagem positiva do país. Conforme afirma Gomes (5 jan. 2006) o personagem heróico desse romance é movido por um rígido sentimento de honra, melancólico, semibárbaro e apegado à natureza, ele cumpre também a função de projetar para o meio urbano nacional a imagem positiva dos habitantes do extremo sul do Brasil.

Dois anos após a publicação de *O gaúcho*, em 1872, Apolinário Porto Alegre publica *O vaqueano*, que pode ser visto como “uma resposta a *O gaúcho* de Alencar, já que o modelo deste último se infiltra em toda a sua obra: desde o enredo e as alusões históricas, até o próprio estilo retórico” (ARENDR, 1995, p. 10). Além de Apolinário Porto Alegre, não faltaram outros escritores que seguiram os moldes de exaltação e idealização do gaúcho lançados pelo escritor cearense José de Alencar, podemos citar como exemplo os integrantes da Sociedade Partenon Literário. Essa agremiação, da qual fazia parte Apolinário Porto Alegre, empenhou-se pela prática literária num tempo e num espaço precários, devido à ausência de uma tradição neste campo, do isolamento da Província em relação aos grandes centros urbanos, etc. “Com o Partenon, sedimentou-se, portanto, o início da idealização do homem rio-grandense, atribuindo-se-lhe os paradigmas de honra, liberdade e valentia que seriam fundamentais ao futuro mito do gaúcho-herói” (ARENDR, 1995, p. 10).

Como citado anteriormente, o gentílico gaúcho passou por mudanças semânticas e foi a literatura que, por sua vez, através da idealização romântica, aproveita-se do binômio peão-guerreiro transformando-o num herói incomparável, dando-lhe, inclusive, a possibilidade de ostentar a marca inconfundível de monarca das coxilhas, de centauro dos pampas, representando-o sempre às voltas com o gado e a guerra. “O até então marginalizado, ou o ‘pária social’, transforma-se em soberano” (ARENDR, 1995, p. 34).

No período do Romantismo sul-rio-grandense a cultura mais presente era a do gaúcho da Campanha, o forjador da província.

Carlos Dante de Moraes aponta os românticos gaúchos como criadores do tipo gaúcho, depois de instantes de indecisão, superados pela admiração provocada pelos peleadores rio-grandenses na guerra do Paraguai e,

definitivamente, pelo romance de José de Alencar. Aponta como sinais dessa indecisão o fato de Apolinário Porto Alegre evitar o termo “gaúcho”, que identificaria um personagem “dúbio e malsinado”, em seu romance *O vaqueano* (POZENATO, 1974, p. 41).

*NO gaúcho*, obra que lançou as bases da mitificação do homem rio-grandense, temos a descrição melancólica da paisagem, a ligação entre a natureza e seus habitantes (por exemplo, a inseparabilidade do homem e seu cavalo), a valentia e a coragem como atributos básicos do herói.

Em seguida, Apolinário Porto Alegre, membro da Sociedade Partenon Literário, responde a José de Alencar com a publicação de *O vaqueano* (1872). O referido autor não concordou com as descrições do ambiente expostas por Alencar, bem como algumas das características atribuídas ao gaúcho no romance. Conforme afirma Pozenato (1974), *O vaqueano* é de certa forma uma réplica aos defeitos apontados na obra *O gaúcho* de José de Alencar. Desagradou a Apolinário Porto Alegre não a intenção daquele romance, mas infidelidades que nele havia, tanto com relação à linguagem quanto com relação à representação do tipo local.

Baumgarten (1997) afirma que Apolinário Porto Alegre foi, sem dúvida, o grande nome intelectual do Rio Grande do Sul da segunda metade do século XIX. Idealizador do Partenon Literário, ao seu redor reuniam-se os escritores da época para afirmarem o Romantismo em solo gaúcho. Poeta, contista, romancista e ensaísta desenvolveu larga participação na vida cultural e política do Rio Grande, liderando campanhas em prol da abolição e promovendo o debate em torno do ideário republicano.

Apolinário introduz em *O vaqueano* elementos novos à fabricação da imagem do gaúcho, transformando o personagem isolado e marginal de Alencar numa figura cujo perfil, sentimentos e atributos heróicos revestia a todos, desde o peão até o grande proprietário rural. *O vaqueano* estabeleceria uma tradição de heroísmo, coragem e determinação a respeito do habitante do Rio Grande do Sul. Apresentado na figura de José de Avençal, o gaúcho marcaria de forma definitiva a literatura que surgia no Rio Grande do Sul e que se caracterizaria pelo modelo sacralizante da figura mítica do monarca das coxilhas.

Nota-se nessa obra que o escritor Apolinário Porto Alegre objetivava exaltar e resgatar o passado heróico do Rio Grande do Sul, para reforçar o sentimento nacionalista em ascensão. “Imbuído por este ideal em voga na sua época, pretendia

que o passado rio-grandense, com a exaltação de seus heróis, contribuisse para a construção de um sentimento de brasilidade, ou seja, de uma identidade brasileira para os gaúchos” (ARENDETT, 1995, p. 14).

Fischer (2004) salienta que nas obras de Apolinário Porto Alegre o tipo sul-rio-grandense começa a ser tema regular. O gaúcho passa a ser apresentado como livre, altivo, insubmisso, leal, amigo de seu cavalo, vigia da fronteira e monarca das coxilhas.

A vinculação entre a literatura romântica e o fato político da independência constitui-se em uma tradição na crítica e história literárias brasileiras. Desde “a vigência do Romantismo até os dias atuais, não são poucos os críticos e historiadores que vêem na autonomia política, conquistada em 1822, um dos elementos determinantes da literatura produzida no Brasil a partir dos anos 30 do século XIX” (BAUMGARTEM, 1997, p. 75).

De acordo com Antônio Cândido (1969) a independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da idéia romântica, para a qual contribuiu com pelo menos três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo, desejo de criar uma atitude independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação à mãe-pátria; finalmente a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional.

O gaúcho heróico do padrão romântico é muitas vezes generalizado como sendo a imagem da sociedade rio-grandense. Por sua mitificação é comum apresentá-lo como representante de determinados qualificativos que podem ser traduzidos em valores de: bravura, honestidade, liberdade, justiça, força física, destreza, coragem, patriotismo, lealdade, ordem e moralidade. Albeche (1996) diz que o padrão romântico, ao buscar o tipo característico da origem rio-grandense, tentou homogeneizar a sociedade na idealização de um símbolo, o gaúcho, de

natureza livre, nobreza de sentimentos e exemplo de coragem que são qualificativos do núcleo simbólico capazes de se repetirem pela própria estrutura do mito.

Conforme Cesar (1971) foi fácil idealizar o gaúcho. De generalização em generalização, a literatura terminou por colocá-lo numa espécie de Arcádia crioula, território de evasão muito procurado pelos imaginativos. O resultado é um sentimento muito estereotipado, que emigrou da letra de forma para outras modalidades de arte e segundo o qual o habitante da Campanha encarna sempre a galhardia, a coragem, a lealdade, o desprendimento de uma criatura perfeita. Esse foi o molde em que se fundiu o monarca das coxilhas e o centauro dos pampas.

O período romântico (1836–1881) foi responsável pela consolidação dos mitos nacionais, pois o advento da independência política exigiu o desencadeamento de um processo de formação e fixação de caracteres tipicamente brasileiros, que diferenciasssem a nova nação da metrópole que a dominara durante três séculos. Os intelectuais da época, expressando-se na mesma língua do colonizador, sugeririam a diferenciação entre a colônia dependente e o país livre a partir da valorização da exuberante natureza brasileira, da exaltação do elemento aborígine e dos aspectos históricos que conformavam à nova nação. Conforme afirma Santos (2006) o ambiente, homem e natureza, servia assim como instrumento à literatura para a fixação do caráter nacional que ora emergia e, por extensão, de uma suposta identidade brasileira.

A diversidade regional que caracteriza o Brasil foi, desde cedo, plenamente apreendida pela literatura. No entanto, foi a partir do movimento romântico que se deu a construção de uma suposta identidade nacional caracterizada pela ereção de figuras míticas, que ocupavam espaços distintos, mas que repetiam qualidades físicas e comportamentais. “No Brasil, o Romantismo realizou uma revolução estética que, querendo dar à literatura brasileira o caráter de literatura nacional, agiu como força sacralizante [...] trabalhando somente no sentido da recuperação e da solidificação de seus mitos” (BERND, 1992, p. 18).

O Romantismo brasileiro incorporou a natureza, a paisagem tipicamente nacional, como elemento diferenciador em relação ao estrangeiro. Nossos principais autores, envolvidos com os ideais de independência literária e influenciados pelas idéias românticas, comprometeram-se com o processo de afirmação de uma

nacionalidade brasileira em oposição aos modelos considerados estrangeiros à sociedade que no presente momento se organizava.

Pozenato (1974) afirma que o tipo inicial do gaúcho trazia em si dois traços distintos. De um lado a dimensão puramente social e histórica, caracterizada por todos os fatores “reais” nele convergentes, e como tal sujeita às transformações da história. De outro, uma dimensão de certa forma trans-histórica, ou mítica, e como tal imutável, decorrente de seu papel de fundador de nação e constituinte de um padrão de comportamento.

Quando os gaúchos, como ficou dito, aderem ao ideário romântico brasileiro, que propunha a escolha de temas nacionais para a criação de uma literatura autônoma, encontram no passado local, sem indecisões, a fonte de exaltação nativa. Era ela a figura do guasca, cercada de grandeza pela imaginação coletiva, e já “trabalhada” pelo cancionero popular. Verifica-se pois o que se chama uma feliz convergência de propósitos (POZENATO, 1974, p. 43).

Ainda conforme o autor citado, os românticos tomaram essa figura como a receberam, isto é, já idealizada, já dotada de conteúdo romântico, e a engrandeceram segundo as convenções da escola. Mais, transferiram para o peão de estância as qualidades heróicas do gaúcho primitivo.

O Romantismo gaúcho é uma espécie de compromisso entre o mítico e o documentário. Sobre a realidade observada, paisagem, tipos, costumes, é investida a visualização mítica que a transpõe para um plano de idealidade. Nas obras do período é comum aparecerem obras que contenham a figura mitologizada do gaúcho com roupas típicas, invejáveis qualidades morais, virtudes e valores enquadrados na pitoresca paisagem dos pampas. Essa é a imagem do gaúcho idealizado que mostra somente as suas virtudes, não os defeitos.

## **4 O DESAPARECIMENTO DA FIGURA DO GAÚCHO MITIFICADO**

No início do século XX, o gaúcho (peão de fazenda ou arrendatário) deparou-se com fatores sociais e econômicos que ocasionaram a sua expulsão do campo e conseqüente êxodo para a cidade onde iria se deparar com uma realidade para a qual estava despreparado e que iria ocasionar a sua decadência. O desaparecimento do mito do monarca das coxilhas e centauro dos pampas está relacionado a esses fatores, pois o contexto econômico-social desse período já não comportava mais aquele herói a cavalo que vivia em luta constante para a proteção das fronteiras do território indiviso. Agora o gaúcho anda a pé e os seus hábitos e maneira de viver sofreram transformações para se adequar à nova realidade em que se encontra.

### **4.1 Causas sociais e econômicas que contribuíram para a decadência do “monarca das coxilhas”**

Várias foram as mudanças sócio-econômico-culturais das primeiras décadas do século XX que expulsaram o gaúcho que era arrendatário ou trabalhava como peão nas lides do campo para a cidade. Citaremos as principais a seguir.

No período de 1889 a 1930, a agropecuária atingiu novos níveis técnicos, liberando a mão-de-obra no campo. Na zona de produção do arroz abandonaram-se as foices individuais em troca de modernas ceifadeiras, o que ocasionou o refugimento dos campeiros na cidade, em busca de trabalho nas fábricas, vivendo em malocas sem esgoto, sem água e sem eletricidade.

As transformações sócio-econômico-culturais, que se agravaram a partir da década de trinta, com a mecanização da lavoura e a divisão dos campos levaram ao processo de descaracterização do gaúcho típico, esse fenômeno acentuou a fragmentação social e o empobrecimento gradativo da população urbana e rural. Esses fatos ocasionaram a destruição do cenário no qual o mito transitava e abriu espaço para uma nova

conceituação de mito baseada nas adversidades da sobrevivência (RÁSIA, 4 dez. 2004, p. 2).

Quanto ao contexto sócio-econômico do Rio Grande do Sul em meados de 1920, o estado competia com outras regiões até então cafeeiras no abastecimento do mercado interno com produtos agrícolas. Todavia, essas regiões estavam mais bem situadas geograficamente em relação ao centro do país, pagando menores fretes e colocando seus artigos em condições vantajosas. Paralelamente a essa concorrência, a agricultura colonial ainda enfrentava problemas tais como o rápido esgotamento do solo, associado ao contínuo fracionamento da terra. Devido aos numerosos descendentes, o gaúcho possuidor de propriedades dividia a terra como herança entre seus filhos. Essas progressivas subdivisões do solo, explorado com técnicas rudimentares, conduzia a uma diminuição crescente da produtividade. O fracionamento do minifúndio era levado até o último momento em que se tornava impraticável nova divisão, o que gerou migração dos descendentes para novas áreas, o que desencadeou o processo de arrendamento de terras. Outro fator que contribuiu para agravar as condições de produção do pequeno agricultor foi a atuação dos grupos comerciantes, que monopolizavam os lucros, pagando baixos preços ao produtor.

A partir da Primeira Guerra Mundial, com a elevação dos preços agrícolas, verificou-se também a expansão da cultura do arroz no estado. Entretanto, os grandes proprietários já utilizavam técnicas de irrigação e implementos agrícolas modernos que diminuiriam a procura da mão-de-obra (dos peões).

Durante essa guerra, com o bloqueio do comércio internacional, eliminou-se a concorrência dos manufaturados estrangeiros. Internamente, seguiram-se no país a inflação e a desvalorização da moeda. Entretanto, apesar de esses fatores proporcionarem incentivos ao desenvolvimento no estado, alguns obstáculos se antepuseram ao processo gaúcho de industrialização. Aqui a pecuária não desempenhou, tal como o café no centro do país, o papel de mecanismo gerador de capitais que pudessem ser transferidos para o setor industrial num processo de diversificação da economia.

No período pós-guerra seguiu-se uma terrível crise econômica e financeira. De um período de inflação e ampla concessão de empréstimos, passou-se a uma fase de recessão e de redução de crédito. Muitos criadores de gado foram à falência,

pois não tinham para quem vender o seu gado e não tinham dinheiro para pagar os empréstimos contraídos em momentos de euforia.

Com relação à indústria, na década de vinte houve um período de recessão que ocasionou o fechamento de pequenas indústrias absorvidas pelas de maior porte. Além do mais, as indústrias que subsistiram aplicaram os lucros obtidos no período da guerra em modernização, o que gerou um aumento da taxa de desemprego. Já em relação à lavoura colonial, na década de vinte houve tanto o fim da conjuntura favorável de mercado quanto o esgotamento das terras disponíveis para agricultura.

A instalação do Estado Novo não provocou alterações na estrutura econômica do estado, pois ele continuou na sua posição tradicional de fornecedor de gêneros agropecuários para o mercado nacional. No setor da pecuária, predominava ainda a criação extensiva de gado em campo nativo.

Quanto à agricultura, persistiam os efeitos de um sistema agrícola inadequado, com os produtos gaúchos competindo com os do centro em condições pouco vantajosas. Também se acentuava a crise do minifúndio colonial, pois o alto índice de nascimentos entre os pequenos proprietários conjugava-se ao esgotamento do solo e à escassez de terras. Paralelamente, começou a expandir-se a cultura do trigo, que, porém, necessitava de técnicas e máquinas modernas para o seu cultivo.

Pesavento (2002) afirma que, durante o Estado Novo (1937-1945), tanto no setor agrícola como no pecuário, era muito baixa a remuneração do trabalho. Parte desse salário era pago não em dinheiro, mas através do direito à moradia e uso de pequenas extensões de terra para a produção de gêneros de subsistência. Entretanto, o completo cercamento dos campos e a introdução de alguma tecnologia nos métodos criatórios fizeram com que houvesse menor necessidade de braços para a criação. Acentuou-se, com isso, o processo de êxodo rural que já se manifestava desde os anos trinta. Estando fora do latifúndio, esse trabalhador buscava as cidades. Todavia, constituía-se uma mão-de-obra que era jogada no mercado de trabalho sem ter especialização para isso, pois suas habilidades na vida campeira nada ou pouco valiam para a vida urbana.

Por outro lado, o desenvolvimento industrial do estado não permitia a absorção de toda essa mão-de-obra nas fábricas. Dessa forma, as vilas marginais da periferia

das cidades passaram a abrigar todo esse contingente populacional egresso do campo, que sobreviveria em nível de subemprego.

No início do século XX, o Rio Grande do Sul encontra-se transformado pelo progresso técnico das cercas, dos aramados, do refinamento das raças bovinas, enfim, do desenvolvimento do capitalismo. Esses aspectos teriam provocado uma deteriorização dos usos e costumes genuínos do homem rio-grandense. “Daí resulta a presença do anti-herói e do herói degradado, como representantes ou resultantes da corrupção instalada no território gaúcho” (ARENDDT, 1995, p. 167). Todos esses fatores contribuíram para a gradativa expulsão e marginalização do gaúcho.

#### **4.2 O regionalismo de cunho modernista e a desconstrução do gaúcho mitificado**

Consultando o *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*, temos que regionalismo é o caráter de qualquer obra (música, literatura, teatro, etc) que se baseia em ou reflete ou expressa costumes ou tradições regionais. Ainda: caráter do texto literário que se baseia em costumes e tradições regionais e que tem como uma de suas características o uso de linguagens locais.

Massaud Moisés (2001) afirma que o conceito de regionalismo é controvertido, sendo duas as acepções com que é definido. A primeira definição se refere àquilo que visa ao típico e ao característico de uma determinada região, incluindo a fala. Um segundo conceito contempla as condições dessa região presentes na obra literária. Assim que, “evitando a controvérsia, deve-se conceituar regionalismo o que busca o típico, utilizando-se para isso de processos que podem ser aferidos à luz de valores estéticos” (MOISÉS, 2001, p. 354).

O regionalismo no Rio Grande do Sul abrange um longo período de tempo: cobre quase todo o século XIX. A produção de textos é freqüente sobretudo na década de 70, época de atuação do Partenon Literário, mas estendendo sua influência até os primeiros anos do Modernismo. Ressurge com forças renovadas depois dos anos 30 do século XX, quando Aureliano de Figueiredo Pinto, Cyro Martins, Ivan Pedro Martins, entre outros, apropriaram-se da temática, apresentando-a dentro da ótica social, conforme os cânones do romance da época. Sua sobrevivência por tanto tempo assegura a validade de suas questões, vinculada

à realidade sulina e aos esforços dela para se converter em motivo literário. Os autores mencionados recuperaram os aspectos característicos do regionalismo, porém despiram-no de seu ufanismo, trocado pelas expressões das desigualdades sociais. Cabe ressaltarmos aqui que Cyro Martins não se entende *regionalista*, mas *localista*. Ele expõe essas idéias em *Visão crítica do regionalismo*, antes do texto de *Sem rumo*, na quarta edição.

Pozenato (1974) afirma que o regionalismo modernista é caracterizadamente um neo-realismo, para o qual a observação do detalhe concreto é primordial: seu real é o real observável. Além disso, soma-se uma dose de convenção que dá preferência ao folclórico e ao pitoresco, de um lado, e ao social de outro.

O regionalismo de cunho modernista, ou seja, a literatura voltada à temática do que é peculiar da região, na escola literária denominada Modernismo, não vê o gaúcho de forma semelhante ao que fazia a literatura anterior. Cyro Martins, bem como os demais escritores dessa nova fase, apresentam o gaúcho projetado numa dimensão social e sofrendo as conseqüências das transformações econômicas e sociais ocorridas no estado Rio Grande do Sul a partir de 1910. O gaúcho então não é mais visto como o monarca das coxilhas, mas como uma figura desmitificada, que perdeu o seu cavalo e anda a pé.

Cyro Martins ocupa grande parte da sua obra com a temática rural, sendo de maior destaque a trilogia do gaúcho a pé. O conjunto desses romances forneceria uma nova visão do herói tradicional dos pampas, apresentado em seu estado atual: de penúria econômica e desenraizamento social, já que foi jogado para fora do campo, vivendo como um marginalizado na sociedade urbana.

A maioria das obras desse período vai mostrar o gaúcho mítico em constante luta com os elementos do novo tempo: polícia, automóvel, justiça, lei, cidade grande e cultura urbana, sendo o tempo presente responsável pelo fim moral e social desse gaúcho.

#### **4.3 Cyro Martins e a criação da expressão “gaúcho a pé”**

Cyro Martins, escritor gaúcho situado no regionalismo de cunho modernista, não tem a mesma visão dos escritores que o antecederam. Se antes o gaúcho era

visto pelos aspectos que o mitificaram, agora Cyro Martins observa o gaúcho no seu dia-a-dia, vivendo sem perspectivas.

Anteriormente a Cyro Martins, imperava a visão romântica do conjunto da história, do lendário, dos costumes, da paisagem. A narrativa desenrolava-se na Campanha, na estância, no galpão. Havia a fartura, o cavalo e a distância. O gaúcho a cavalo era idealizado como o monarca das coxilhas e o centauro dos pampas. Mais tarde, com a crise na estância, a subdivisão das terras e o despovoamento dos campos, fatores que resultaram numa transformação do estilo de vida, a ficção passou a basear-se nessa nova realidade, sem romantismos: passou a tratar dos temas do cotidiano, das depressões coletivas. Cyro Martins recusa-se a falsear a realidade, pois ele entende que os tempos míticos pertencem ao passado.

O gaúcho de Cyro Martins não apresenta, ou apresenta muito pouco, as características que o haviam mitificado. Sendo essas características formadas pelo *conceito*, através do modo de ser do gaúcho, cuja presença na obra de Cyro Martins é difusa, e pela *forma*, representada principalmente pelo que é exterior, a qual se encontra apagada, entende-se que sem as condições de compor a *significação*, representada pela gauchidade, o mito deixou de ser mito.

Conforme Dacanal (2001) Cyro Martins é o apresentador de novos atores que começam a aparecer em cena e precisam, portanto, negar o passado – que para eles não tem mais importância nem interesse – para firmar-se e sobreviver.

O gaúcho? Talvez nem tenha existido! Patriarcas exuberantes como garanhões, matronas veneráveis e cheias de fibras? E daí? Se por acaso tinham existido, já não interessam mais. O fundamental é a ameaça, presente e atual, gerada pelas injustiças sociais, a necessidade de encontrar condições de trabalhar e de alimentar-se dignamente (DACANAL, 2001, p. 112).

A expressão "gaúcho a pé" foi cunhada por Cyro Martins no ano de 1935. O modelo de gaúcho (o "gaúcho a cavalo"), que reinava até então, foi substituído pela figura do "gaúcho a pé": sem rumo, marginalizado, já sem serventia dentro do novo quadro que se apresenta, sem possibilidade de retorno, pois a porteira está fechada.

Na trilogia do "gaúcho a pé", composta pelos romances *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1953), Cyro Martins desenvolveu a temática da lenta expulsão dos peões das estâncias e seu conseqüente empobrecimento nos cinturões de miséria das cidades, trazendo à tona os problemas sócio-econômicos que apareceram na campanha a partir de 1910. Nessa perspectiva, sua obra

permanece atual, na medida em que tais problemas se avolumaram com o passar do tempo.

A temática do gaúcho a pé, cujo aspecto nuclear é a lenta expulsão dos peões da estância e sua inexorável pauperização nos cinturões de miséria das cidades da campanha, não foi apenas um achado casual. A temática surgiu a partir de um modo de viver os problemas, sua circunstância social. Como médico em São João Batista do Quaraí, cenário de todos os seus romances, [Cyro Martins] conheceu de perto e muito cedo as diferenças sociais e a miséria instituída pelos latifundiários (APPEL, 1984, p. 20).

Cyro Martins, a partir de 1937, iniciou na sua trilogia do gaúcho a pé, a exposição do herói pobre-diabo, maltrapilho, arruinado, que saiu em busca de novos horizontes. No ciclo do gaúcho a pé, presenciemos o êxodo do campo, o préstito de miséria e o sofrimento daquele que outrora era denominado o monarca das coxilhas. Agora, as coxilhas estão sem monarca, e o gaúcho perdeu o seu cavalo e anda a pé.

#### **4.4 A desmitificação do “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”**

Com o decorrer do tempo, o regime anárquico de outrora cede lugar à disciplina incipiente das estâncias, grandes latifúndios, distribuídos de maneira desigual e arbitrária. Até meados do século XIX, as estâncias eram empresas primitivas de exploração pastoril, mas, com o desenvolvimento da indústria do charque, abre-se um mercado valioso para a pecuária, resultando no seu progresso e no aumento de seus rendimentos.

Com o progresso surgem modificações na maneira de viver: constroem-se casas sólidas e algumas pontes, e tem início a formação de núcleos urbanos. Antes do término do século XIX, a pecuária assume grande desenvolvimento; melhoram os rebanhos e ocorre a simplificação das lides campeiras. Devido a isso, a tendência é a redução do número de empregados da estância. O agregado, que está sob proteção do estancieiro, ajudando-o periodicamente e desfrutando da terra para garantir o seu sustento, está fadado ao desaparecimento.

O começo do século XX vê a economia da Campanha sofrer alguns revezes, como a falência de bancos, de fazendeiros e de charqueadores; ocorre a desvalorização da moeda. Todavia, posteriormente, o gado e a lã são revalorizados

e verifica-se a ascensão da pecuária. Nesse mesmo tempo algumas pastagens transformam-se em lavouras, principalmente de arroz e trigo.

Depois dessa ascensão, a pecuária começa a diminuir de importância, cedendo lugar à agricultura e à indústria. A situação do Rio Grande do Sul passa a ser outra, pois, com as modificações ocorridas no setor econômico, resultantes do crescimento agrícola e industrial e do decréscimo da atividade pastoril, o resultado é trágico para a Campanha. Os desempregos ocorrem intensamente, resultando no êxodo para as cidades, despreparada para receber tamanha população que, por sua vez, não tem qualificação profissional para sobreviver fora do campo.

Dessa forma, a fonte viva de que se nutria o conceito mítico do gaúcho, substrato necessário a todo mito, transformou-se, já que o conceito é histórico e comporta modificações. Não há mais guerras, não há mais disputas políticas, não há mais violências onde emergiam os heróis. O substrato real que sustentava o mito desapareceu. A forma do mito nessas condições também tende a desaparecer, devido às transformações na maneira de viver e nos hábitos do gaúcho. Devido a essas transformações, o mito romantizado do gaúcho desaparece, pois, apesar de permanecerem os elementos fundamentais da cultura sul-rio-grandense, a realidade social é outra.

Além do mais, a escola literária denominada Modernismo, a qual estava em vigor nessa época, possui como ideologia de sustentação o Marxismo, conjunto de idéias filosóficas, econômicas, políticas e sociais elaboradas por Karl Marx e Friedrich Engels e desenvolvida mais tarde por outros seguidores. Essa ideologia interpreta a vida social conforme a dinâmica da luta de classes e pressupõe como utopia a “extinção das classes sociais” como a única maneira de haver igualdade entre todos. O marxismo influenciou as artes propagando a idéia da luta de classes e da importância do engajamento dos intelectuais em tais discussões. Conforme encontramos na *Wikipédia*, a partir de 1970, iniciou-se na literatura a chamada “crítica marxista”, a qual pregava que a análise de textos literários deveria desconsiderar o estudo biográfico do autor e se fixar na análise dos acontecimentos ficcionais a partir da visão da luta de classes.

Cyro Martins, na sua trilogia do gaúcho a pé, deixa transparecer que a proposta ideológica predominantemente defendida é a discussão da condição de abandono

do homem comum da campanha gaúcha, as injustiças sociais que sofre, sua miséria e conseqüente marginalização.

A partir de 1910, a literatura iria destacar a decadência das fazendas gaúchas com a modernização da lavoura, substituindo-se a pecuária pela agricultura tecnológica, numa época em que a industrialização modernizou métodos e dispensou peões, que foram para a cidade. O herói entra em crise, como vemos no trecho a seguir. "Dos gaúchos heróicos, poucos sobraram após terem sido utilizados como cerne de canhão nas lutas rivais, ou após terem sido expulsos do campo pelo avanço das cercas, do capital financeiro e, finalmente, da soja e do trigo" (DACANAL apud AZEVEDO, 2003, p. 3).

O que era antes o centauro dos pampas ou monarca das coxilhas migra, agora, para a cidade, onde irá se encontrar com a miséria, porque não tem capacitação técnica para o trabalho urbano; afasta-se do seu cavalo e de seu mundo campesino: é a desmitificação. A ele restou apenas a recordação do passado tido como glorioso. O escritor Antônio Hohlfeldt observa:

Tirai do campeiro os seus instrumentos prediletos de uso cotidiano: o cavalo, as boleadeiras e o laço; limitai sua liberdade de movimentos; [...] o que fica. Se ele cede às alterações do ambiente e emprega a sua atividade em outros misteres profissionais, então já deixou de ser o "gaúcho" (HOHLFELDT apud AZEVEDO, 2003, p. 3).

Conforme coloca Duarte (2003), do mito lhe é roubada a sua heroicidade, ele é deslocado para a vida cotidiana, resgatando a possibilidade de identificação com o homem comum, tal movimento se dá no sentido de uma desmitificação. Há uma transformação do mito primordial, a ponto de vertê-lo em seu contrário, desvelando sua pretensa heroicidade, a fim de revelar um conteúdo anti-heróico, identificado ao homem comum.

A autora ainda complementa que coube à própria literatura o papel de desvendar o mito do gaúcho, no sentido de sua desmitificação, do aniquilamento do mito em prol de uma realidade dura e concreta, como no caso da trilogia do gaúcho a pé de Cyro Martins.

O gaúcho é um ser telúrico na sua essência, homem e terra fundem-se como elementos inseparáveis na constituição de um herói, de um mito. Mas, com as mudanças das condições de produção, o homem é afastado da terra que imaginava ser sua para sempre. Como conseqüência acaba perdendo também o seu cavalo

que, até então, funcionava como elo de ligação entre o homem e a terra. O homem fica só. É um processo gradativo, mas nem por isso menos traumático, até acontecer o rompimento definitivo que, segundo Haesbaert (1997) denomina-se “desterritorialização do gaúcho”. O autor define esse termo como “a destruição ou expulsão de antigos territórios e ou des-integração de novos espaços numa rede econômica globalizada, onde predomina a extroversão” (HAESBAERT, 1997, p. 117).

A desterritorialização foi algo inevitável devido aos acontecimentos econômicos e sociais do século XX. O gaúcho territorializado possuía uma identidade, mas com o passar do tempo ocorreu a separação entre homem e terra, provocando o desligamento entre ambos, o que iria provocar um processo de destituição do gaúcho e da sua imagem mítica. O autor relaciona o processo de territorialização e desterritorialização da seguinte forma:

Se territorialização é, sobretudo, enraizadora, promovendo a coesão por seu caráter mais intrínseco e introvertido, é claro que ela vai estar ligada e vai reforçar os processos político-culturais de apropriação e domínio do que a dinâmica do capital que é, por natureza, desterritorializadora e “sem pátria” (HAESBAERT, 1997, p. 116).

O gaúcho mítico é aquele que contribuiu com o processo de demarcação das fronteiras, ou seja, da territorialização de todo um estado, mas que foi sempre marginalizado, não tendo direito à propriedade, e isso, mais tarde, fez dele sujeito desterritorializado que se apresentou a partir do século XX. O processo de transformação do mundo social do gaúcho se dá de forma inevitável:

Há um sujeito que tem uma identidade que lhe é própria, onde ele se reconhece e reconhece o outro, onde ele consegue realizar com plenitude a unidade ilusória do sujeito da qual ele precisa para manifestar-se discursivamente. Nesse momento ele vive a territorialização, na qual a sua subjetividade é reafirmada constantemente, ele acredita ocupar um lugar como seu e é daí que ele se posiciona, identificando-se com a imagem do gaúcho heróico. No entanto, elementos externos produzem mudanças, inicialmente incompreensíveis para ele, que levam esse sujeito a não-identificação plena; ele perde parte de seu referencial de lugar (SILVEIRA, 2004, p. 158).

Estamos então diante de um sujeito ainda gaúcho, mas desterritorializado; um sujeito que percebe que, além da terra que considerava sua, existem outros lugares, com os quais, a princípio, ele não se identifica, mas com os quais passa a conviver e se relacionar. No presente trabalho, nos capítulos quatro e cinco, o processo de territorialização será observado na trajetória do personagem José Avençal e o

processo de desterritorialização com o personagem João Guedes. Esse último representa o novo gaúcho que fica girando sem rumo, buscando localizar-se em algum ponto do movimento, buscando assumir uma posição que não é mais a do herói *mítico*, mas de um não-mito que não possui terras nem cavalo, está sem nada. É o sujeito gaúcho em descontinuidade consigo mesmo.

## 5 A MITIFICAÇÃO DO GAÚCHO EM O VAQUEANO

“Sou gaúcho e não me assusto  
Dos graúdos da cidade,  
Porque comprei com o custo  
De meu sangue a liberdade.  
Sou valente e que me importa  
Que essa gente em vida morta  
Lamba as esporas do rei,  
Se em mar de flores sem marco  
Tenham cavalo por barco  
Tenha a vontade por lei.”  
(Bazilio Caraça)

In: *Diário de Pelotas*, 20 de maio de 1886.

Apolinário Porto Alegre, escritor de posição singular na literatura gaúcha, destacou-se pelo papel assumido em relação às questões emergentes da literatura de sua terra e com seu trabalho de criação poética divulgando-os nas páginas da revista da sociedade que liderou: o Partenon Literário.

Na obra *O vaqueano*, o autor sintetiza o pensamento e a prática literárias da geração de autores românticos gaúchos, na fase inicial de manifestação da literatura sul-rio-grandense. A obra em questão foi publicada em 1872 na *Revista Partenon Literário*, tendo alcançado grande êxito “sobretudo pela fidelidade de seu autor no retratar a fisionomia moral do homem rio-grandense” (CESAR, 1971, p. 204). Temos também nela a representação do gaúcho mitificado que nos é apresentado como o “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”. José de Avençal é o protagonista da história e possui todos os atributos do gaúcho mitificado. Ele é o vaqueano (guia) que conduz as tropas de Garibaldi na condução de barcos que são levados em carretas até o rio Tramandaí. A narrativa acontece nos campos de Vacaria até o sul de Santa Catarina, tendo como fundo histórico a Revolução Farroupilha.

*O vaqueano* tem como principal tema a vingança. Toda a história gira em torno da vingança que o protagonista deseja consumir. José de Avençal, filho de um estancieiro gaúcho de ascendência portuguesa, é salvo por uma mucama negra

num atentado que dizimou a sua família. Levado para casa do Amaral, um português de origem nobre, que toma para si a educação da criança, Avençal cresce com a idéia fixa de vingar o assassinato de sua família. Quando moço, José parte da casa do Amaral, sendo protegido pelo mulato Moisés, desconhecendo ser esse seu irmão. Num baile, o moço conhece Rosita e apaixona-se por ela, filha de José Capinchos, sobre quem repousam acusações de ser o assassino de Gil de Avençal. Reconhecendo em Capinchos o executor do crime, José busca-o para matá-lo, mas é substituído nessa tarefa pelos guaicanãs conduzidos por Moisés. A rivalidade entre José e André, filho de Capinchos, acentua-se, e é esse quem então pretende vingar-se. Integrado ao exército farroupilha, como vaqueano, José recebe a visita de Rosita que lhe avisa da vingança planejada por André. Mais tarde ele recebe uma caixa, a qual contém a cabeça da mulher amada, concretizando-se assim a impossibilidade de realização da união do casal apaixonado. Avençal e André, na cena final, morrem: o primeiro, numa explosão por ele provocada; o segundo, arrojando-se ao mar.

Na novela *O vaqueano*, o autor, seguindo a tendência do Romantismo, vai desenhar a figura do rio-grandense por sua natureza livre, nobreza de sentimentos, coragem e bravura, valores que se associam ao processo do desenvolvimento da propaganda republicana no Rio Grande do Sul. Conforme Albeche (1996), Apolinário, seguindo o padrão romântico de idealização do passado, cultuou os homens livres do território rio-grandense, o monarca das coxilhas e o bom campeiro, símbolos da liberdade, bravura e honra que são atributos da estrutura do núcleo simbólico-mítico reinterpretados com a finalidade de dar combate ao regime monárquico e não a de caracterizar o gaúcho real.

A ação da obra, que é tipicamente romântica, é evidenciada pela presença constante da natureza, com a descrição de paisagens, pela pluralidade geográfica (o autor desloca os personagens de um lugar para outro), pela marcação do tempo e do diálogo que se passam durante a Revolução Farroupilha. Já no primeiro capítulo, intitulado “Paisagem morta”, o romancista descreve a cena de abertura cujo cenário abre com um quadro hibernal, onde dominam o frio e a neve.

Caía neve em flocos. O frio, intenso. O mistério daquela natureza recolhida e inânime, profundo e terrível. Não tinha só a melancolia do deserto, o vago e indefinido que coam na alma as matas e savanas americanas, tinha mais o tom baço, a desoladora taciturnidade, a paralisia, a inércia, a aparência de cadáver que ressaltam da quadra hibernal (PORTO ALEGRE, 1973, p. 25).

Ao fixar o tempo da narrativa, nas páginas iniciais do texto, o romancista determina o ano de 1838, quando os revolucionários rio-grandenses preparam-se para a tomada do continente catarinense, numa alusão à tendência histórica a ser explorada pelo romance. A Guerra dos Farrapos constitui, do ponto de vista local, o episódio mais envolvente do território sulino. Sua duração, seus ideais republicanos e sua ótica antimonarquista e pró-federelista determinam o padrão de comportamento apresentado na obra de Apolinário Porto Alegre. Vários episódios desse conflito são descritos na novela, como no exemplo a seguir:

O exército republicano ficara três léguas, nas abas do morro de Santa Marta, e ele viera ver, como bombeiro, o que faziam na praça.  
No dia 23 de julho, o estandarte de cores amarela, encarnada e verde da República do Piratini flutuava sobre a vila, desfraldando aos ventos da vitória (PORTO ALEGRE, 1973, p. 121).

Também se fazem presentes no enredo da história personagens que fizeram parte da história do Rio Grande do Sul, como Garibaldi e Canabarro, que por sua vez se utilizam da linguagem típica do gaúcho para se comunicar.

— Não te disse, Garibaldi?! Que lá tem a cabeça do vaqueano? Chuega, é um livro! Até guarda de memória as macegas e pedregulhos das estradas. No sertão não há picada pela qual não se meta.  
— Do que ele não gosta muito, Canabarro, é de falar. Dá sempre as respostas pelo meio.  
— Venetas... É um tanto xucro... Também no mais é um homem, como se deseja (PORTO ALEGRE, 1973, p. 29).

Outros fatores que encontram destaque na obra são a bravura dos gaúchos e o valor dado ao símbolo maior do Rio Grande do Sul: a bandeira. Podemos observar isso nas citações a seguir.

Rompeu o fogo...  
Quantas façanhas, quantos atos de bravura e heroísmo não ficaram sepultos nesse dia em nuvens de fumo, no fundo das águas e no estrupido da peleja? (PORTO ALEGRE, 1973, p. 143).  
A bandeira tricolor flutuava na haste, crivada de balas, porém, como sempre, medindo altiva a bandeira do Império.  
— Colham a bandeira! – bradou Canabarro, rubro de cólera, trêmulo de desesperação... — Coepuxa! Que é impossível estacar mais um momento! A posição vai ser tomada... (PORTO ALEGRE, 1973, p. 144).

Na novela *O vaqueano*, que idealiza o tempo da Revolução Farroupilha, o herói é marcado por qualificativos que ressaltam a força física e moral como a síntese de um homem livre. Avençal representa aquela figura do gaúcho até então ausente na nossa literatura: o vaqueano. Exaltado por suas características físicas e morais (forte, corajoso, honesto, bondoso e trabalhador) e por suas ações na busca por

vingança pelo assassinato de sua família, Avençal configura-se como um verdadeiro herói.

Vaqueano de profissão [...] era de uma natureza admirável, não tanto pelas amplas manifestações dos músculos de ferro, como pela perícia e inteligência com que guiava os exércitos da República, e a lhanzeza e bondade do caráter (PORTO ALEGRE, 1973, p. 31).

Nos misteres campeiros ninguém o excedia. Iguais os encontrava, melhores nunca (PORTO ALEGRE, 1973, p. 32).

Avençal é de uma natureza admirável: possui músculos de ferro, perícia e inteligência, lhanzeza e bondade de caráter. No exercício de sua profissão, apresenta-o sob o signo do excesso: “jamais houvera rio-grandense que, como ele, conhecesse a Província” (PORTO ALEGRE, 1973, p. 31).

José Avençal, conforme Hohlfeldt, apesar de vingativo, é leal, corajoso, valoroso, mesmo que solitário, é o *vaqueano* que guia os revolucionários a caminho de Laguna. Filho de um estancieiro de origem portuguesa, fica órfão após o assassinato de toda sua família. Cresce desejando descobrir o assassino de seus pais e irmãos para vingá-los. Ao descobrir que o assassino que procurava é o pai de Rosita, a mulher que ama, não hesita em desistir desse amor em nome da vingança de sua família, “porque a vingança é parte do código de honra” (HOHLFELDT, 1998, p. 21).

Após a tragédia que lhe rouba a família, toda sua existência passa a ser centrada na idéia de vingança do assassino de seus entes queridos. Essa idéia fixa o acompanha durante toda a infância e adolescência, até que atinge a maturidade e volta para suas terras em busca do assassino: “O menino cresceu. O rebento se fez tronco. Mas a harpa fremente de seu coração vibrava a uma idéia fulminante, fibra por fibra estremecia a uma só palavra do vocabulário das paixões humanas: — Vingança!” (PORTO ALEGRE, 1973, p. 91).

A trajetória em direção ao cumprimento da vingança obedece a três etapas: a partida, o reconhecimento e a realização do ato vingativo. Cumprida a fase preparatória na estância da família Amaral, onde completa a sua educação, o moço Avençal parte, contando com o auxílio de Moisés.

Na segunda etapa, o reconhecimento, a participação de Moisés faz-se fundamental para a identificação do assassino, porque o seu conhecimento das terras rio-grandenses o leva ao lugar do crime onde a presença dos referenciais regionais possibilitam a identificação. “— Tens na mão o nome... No cabo da faca e

do relho, no isqueiro e na chilena... Olha a marca... [...] A marca era a mesma que tinha o gado de Capinchos” (PORTO ALEGRE, 1973, p. 107).

Liderados por Moisés, os índios acompanham e protegem o herói em seu percurso em direção à última etapa de sua missão. O encontro do moço com Capinchos e a necessidade de solução de seu objetivo são dificultados pela relação entre eles. Frente ao pai de Rosita, Avençal sente-se impedido de cometer a vingança, cabendo aos guaicanãs a tarefa.

[...] ouviu o ciciante estridor como de um bando de pássaros ao levanta vôo. Era uma chuva de flechas que foram embebecer-se-lhe no peito. Estava morto sem exalar um gemido. Os guaicanãs mostraram a face de cobre por toda a parte (PORTO ALEGRE, 1973, p. 113).

O personagem José de Avençal é o típico gaúcho mitificado, pois possui todos os valores morais necessários para representá-lo. Ele é honesto, leal, obediente ao seu código de honra, corajoso, demonstra apego pelo seu cavalo e amor pela sua terra. Por ser um personagem inserido dentro do Romantismo gaúcho, que visava à exaltação da figura do gaúcho, dentre outras características, e por a história se passar durante a Revolução Farroupilha (auge da exaltação do gaúcho heróico), temos na obra *O vaqueano* a apresentação do gaúcho mitificado. Sendo essas características compostas pelo conceito, através do modo de ser do gaúcho e pela forma, representada principalmente pelo que é exterior, temos na obra as condições perfeitas para compor a significação do mito, isto é, a gauchidade.

José Avençal representa o conceito do mito, o modo de ser do gaúcho mitificado com todas as qualidades necessárias para tal: o espírito guerreiro, coragem, energia e sangue-frio. Ele também apresenta a forma para compor o mito: ele usa o traje característico do gaúcho, tem hábitos tradicionais (tomar chimarrão, alimentar-se de churrasco, por exemplo) e usa expressões gauchescas típicas. Da soma dos aspectos interior (conceito) e exterior (forma) de José Avençal temos a significação do mito do gaúcho, a gauchidade, isto é, o gaúcho todo-poderoso, o monarca das coxilhas e centauro dos pampas.

Conforme Pesavento (1989), para a construção dessa imagem idealizada, recorreu-se a uma fase idílica do passado histórico gaúcho: o século XVIII, quando se constituíam as bases de uma sociedade militarizada, em permanente confronto

com os espanhóis na defesa do território gaúcho, resultando assim numa sociedade de cunho guerreiro.

Na visualização mítica do gaúcho, ele é transposto seguidamente para o campo de batalha ou a ação se passa numa época de revoluções ressaltando suas qualidades de bravura.

Nos manejos de guerra não ficava somenos. A lança de duas braças de longura vibrava o bote tremendo, o pistolão atravessado na guaiaca poucas vezes errava o tiro na andorinha que cortava os ares.

[...] as bolas em punho, rodeado de adversários, ia derrubando um por um, a golpes terríveis. Essa arma de nossos camponeses realiza para o homem o que realizavam as balistas e catapultas antigas para as muralhas. Onde batem, fazem uma brecha e há quase sempre agonia (PORTO ALEGRE, 1973, p. 32).

O texto nos permite perceber como Apolinário Porto Alegre se identifica com e segue os pressupostos ideológicos do grupo Partenon Literário e, por extensão, do Romantismo brasileiro em geral. Ele é um liberal e, também, abolicionista, mas sua visão de mundo é bastante idealizada. José de Avençal não é um personagem único, ele constitui o tipo social próprio da Campanha gaúcha. No entanto, como diz o narrador, suas características pertencem não só ao vaqueano ou ao peão. Podemos encontrá-las igualmente nos proprietários das estâncias e, dessa forma, as diferenças entre as classes sociais aparecem tão diminuídas que chegam a sugerir uma idéia de democracia. O narrador aproxima estancieiros e vaqueanos.

Os principais traços característicos da fisionomia que esboçamos de leve são tão reais que as encontramos a cada passo em nossa província, desde a existência errante do tropeiro até a existência sedentária do guasqueiro ou trançador de lonca. O que há de mais é a cor do mistério (PORTO ALEGRE, 1973, p. 33).

Maria Eunice Moreira (1989) afirma que alguns elementos caracterizadores do vaqueano conformam um quadro de atributos que, alguns anos mais tarde, o regionalismo literário iria consagrar. Ao apresentar José de Avençal, o vaqueano, o romancista delinea um personagem que, capaz de atender ao gosto romântico, pode ser entendido como tipificador da história regional gaúcha. O Rio Grande do Sul é o gaúcho, e as virtudes e características desse símbolo regional são as do povo rio-grandense em geral.

Conforme Cesar (1971), a novela *O vaqueano* tem por objetivo estudar o temperamento do gaúcho tradicional. Ao invés de proceder como certos autores brasileiros do mesmo período, que se largaram em cenas de alcova, o escritor

gaúcho, buscando os ares lavados da campanha, retrocedeu à época da Revolução Farroupilha e de lá guindou os tipos varonis com que teceu a sua história. Aliás, registre-se aqui – entre parênteses – que no Rio Grande do Sul não tiveram êxito apreciável os produtos literários à Zola e à Eça de Queirós, que tão boa fortuna tiveram por aí na década de 80. Foram os nossos um pouco mais saudáveis – fizeram grandes painéis sociais, a exemplo de *Os farrapos*, de Oliveira Belo.

De acordo com Marobin, toda a temática da história gira em torno da exaltação do vaqueano, do gaúcho-herói, do monarca das coxilhas. O herói aparece envolto numa atmosfera de liberdade em campo aberto, onde a valentia, a honra, a religião, Deus, o amor são bens supremos do espírito e do coração. A obra fixa o tipo, o vaqueano, o gaúcho com as características de bravura, liberdade e exuberância vital. “José Avençal é estancieiro e símbolo de gaúcho, monarca das coxilhas, forte, taciturno, audacioso, sempre disposto a enfrentar situações difíceis” (MAROBIN, p. 77).

Ainda conforme Marobin, a exaltação do herói gaúcho em *O vaqueano* tem particular relevância, porque o gaúcho é visto em termos positivos de quase exaltação constante. Esta é uma das características do Romantismo: idealizar a figura do gaúcho.

Também na obra são mostrados os costumes típicos dos gaúchos como o chimarrão e o churrasco.

O caçador [Moisés], notando que o assunto mortificava, quis distraí-lo.

— Vamos a meus pagos; distam daqui vinte quadras. Lá temos bons assados de veado, tatu, anta e o mais que queiram (PORTO ALEGRE, 1973, p. 45).

— Chimarrão sem churrasco é laço sem argola ou relho sem açoiteira – ponderou sentenciosamente Manduca Pereira, célebre domador de Caçapava (PORTO ALEGRE, 1973, p. 35).

Na obra encontramos dentre os elementos representativos, a prevalência dos valores da liberdade. O mulato Moisés, vivendo entre a tribo indígena dos guaicanãs, proclama o valor da liberdade.

— Liberdade?! Quem é mais livre do que Moisés aqui na serrania, onde não há ódio de raça? Onde o homem domina a terra, onde o amigo não mente ao amigo e a mulher não mente ao marido? Não quero mais liberdade do que tenho. Ofereceis riquezas? Quem é mais rico que Moisés? (PORTO ALEGRE, 1973, p. 44).

Uma das características básicas do gaúcho é o apego ao seu cavalo, pois ele é um perfeito cavaleiro. Esse entrosamento o tornou conhecido como o centauro dos

pampas. Na obra, temos a cena em que José Avençal e André Capinchos estão cavalgando, a integração dos personagens com seus cavalos é tanta que o narrador os caracteriza como centauros.

Na quarta vez, cerraram pernas e saíram. Os animais dilataram as narinas, distenderam o talhe esguio. Assemelhavam dois dardos num arremesso violento à flor da terra. Os dois homens, inclinados sobre as crinas dos briosos ginetes, com a respiração difícil na vertigem do galope a toda a rédea, devoraram o lançante do cerro com a velocidade do corisco... Segui-los com os olhos, fitá-los era crer nos centauros míticos, era sentir as fontes latejarem no ourijo do pensamento (PORTO ALEGRE, 1973, p. 132).

*O vaqueano*, por se enquadrar no Romantismo gaúcho, reforça uma das principais características desse período: a consolidação de mitos. Como no Rio Grande do Sul o mito que estava mais presente era o do gaúcho monarca das coxilhas, seria esse o tipo usado na obra como fonte de exaltação nativa. De acordo com o ideário romântico, a figura do gaúcho presente na obra é a do gaúcho idealizado: dotado de somente de virtudes e invejáveis qualidades morais.

O gaúcho mítico obedece a um código de honra comum a todos, sendo leal, honesto e honrado. Na obra, o personagem José Avençal demonstra possuir todas essas características. Sabemos que uma das formas de realização da figura mítica do gaúcho é o trabalho que requer energia, coragem e habilidade. O vaqueano demonstra ter essas habilidades no seu trabalho guiando a tropa de Garibaldi. Outra característica marcante é a força telúrica, o amor à terra. José Avençal demonstra isso ao morrer defendendo sua pátria, seu pago.

Aproximando-se de seu final, *O vaqueano* move-se em direção à solução do drama amoroso. A relação entre Rosita e Avençal está impedida, pela decretação de uma interdição moral entre ambos: ele é responsável pelo assassinato do pai da moça, e a barreira que se interpõe entre o homem e a mulher, na verdade, dá-se entre eles e o mundo, entre os dois e as convenções morais ou religiosas da coletividade.

A feição nitidamente romântica da narrativa atinge seu clímax e determina a culminância da história dos apaixonados, pois, morta a moça, sua cabeça é enviada ao amado como forma de punição, pois, impedido de solucionar o seu drama dentro da realidade na qual está inserido, ele se aproxima da sua realidade individual procurando a própria morte. Duplamente punido, pela morte da noiva e pela

perseguição que lhe move o irmão da moça, desejoso de vingar o assassinato do pai, o vaqueano irá aguardar em outra instância a sua plena realização.

Avençal só ali conservava. Por minutos desaparecera na casamata. Quando voltou, trazia a mão um morrão aceso. As feições, há tanto contraídas pelos sofrimentos, difundiam-se numa alegria íntima e inefável. Volveu os olhos para o céu e pronunciou:

— Rosita, espera... é um instante (PORTO ALEGRE, 1973, p. 145).

O gaúcho mítico é provido de espírito guerreiro. José Avençal demonstra toda a sua coragem e heroicidade ao morrer em combate lutando pelos seus ideais. A característica da indiferença pela morte está presente na obra. Primeiramente, a morte de José de Avençal é um ato heróico e, em segundo lugar, é uma maneira de salvação das dores do amor, já que sua amada Rosita estava morta. José de Avençal termina se suicidando de maneira heróica, e o motivo é a sua infelicidade amorosa. Note-se também que a morte é uma fórmula tipicamente romântica que funciona como um remédio para os sofrimentos impostos pela vida. Já que Rosita estava morta, ele vê na morte a melhor alternativa para abreviar a sua existência cheia de sofrimento.

Ele espalhou um rastilho de pólvora através do terraplano, da casamata até o mastro em que defraldava o pavilhão. E sentou-se junto dele num cômodo de ruínas.

Os legalistas galgaram a posição, julgando-a abandonada, com tanta rapidez que nem viera a lembrança de retirar a bandeira. Vinham desprevenidos, porém mal o viram as armas procuraram a pontaria.

Não tiveram tempo.

Avençal bradou:

— Viva a república! — E seu braço abaixou o morrão; o rastilho incendiou e... uma detonação horrenda, nuvens de fumo, espadanas de fogo!

Quando o ar desanuviou, viu-se que o pavilhão da República não costumava render-se, ardia com seus inimigos (PORTO ALEGRE, 1973, p. 145).

A figura do vaqueano José de Avençal foi construída para desempenhar o papel de representante do tipo local, dentro das propostas dos ideais românticos de apresentar um modelo do nacional. No entanto, esse personagem demonstra também um comportamento em torno dos aspectos peculiares aos heróis românticos. Dessa forma, Avençal realiza o objetivo de vingança na história ficcional: sua condição de vaqueano não interfere na consecução de sua missão.

Sendo que a obra *O vaqueano* se enquadra no período romântico e uma das principais características desse período é a construção de uma identidade nacional através da ereção de figuras míticas, encontramos nessa obra a exaltação da figura do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”, dotado de todas as

virtudes de um autêntico herói farroupilha, pois, como era no tempo da Revolução Farroupilha, acentuavam-se o ufanismo e as características positivas. José de Avençal representa na obra o típico gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”.

## 6 A DESMITIFICAÇÃO DO GAÚCHO NA OBRA *PORTEIRA FECHADA*

“Quero salientar que nunca quis contribuir com a ampliação da mentira do monarca das coxilhas. Nunca trarei o gaúcho como personagem em estilo ufanista. Pelo contrário, procurei ser realista, para poder ser útil de alguma forma.”

Entrevista concedida a Álvaro Teixeira, editada em *Autores gaúchos* – Cyro Martins, SECRS-IEL, 1984.

No romance *Porteira fechada* (1944) do autor Cyro Martins, temos a representação da marginalização do gaúcho a pé, o gaúcho pobre que foi obrigado a refugiar-se nos arredores das cidadezinhas. Ali perdeu o interesse pelo trabalho, o gosto de viver, emborrachou-se, adoeceu e morreu na miséria. Esse gaúcho desenraizado, inconforme, encurralado no rancho miserável, é apresentado na figura de João Guedes, que representa todos os sem-rumos da Campanha que vêm parar nos subúrbios das cidades. Aí eles, aos poucos, acabam se marginalizando devido à falta de empregos e também porque os seus conhecimentos e habilidades com a lida do campo pouco ou nada valem na cidade.

A narrativa revela quadros típicos do interior do Rio Grande do Sul em pleno século XX, mostrando a história de lutas pela terra e pela sobrevivência do homem do campo, relatando a saga do gaúcho dessa época que carrega a história de um passado sangrento e um imaginário de glórias e heroísmos; mas que, no presente, não encontra condições de viver como nesse passado histórico. Guedes representa o gaúcho que perde seu referente, seu lugar, sua identidade, sua voz; mas não está desvinculado da imagem do gaúcho representado por José de Avençal, conforme foi analisado no capítulo anterior.

Em *Porteira fechada*, a narração dos eventos inicia marcada por duas tragédias: a morte de seu Bento e a de João Guedes. Mesmo tendo ocorrido em épocas diferentes, o narrador organiza o relato dos velórios concomitantemente, enfatizando a desgraça. Neles, ocorre a retrospectiva de vida dos implicados, mais enfaticamente de Guedes, que é quem vive a situação dramática do abandono do

campo. Seu Bento entrega-se ao infortúnio, suicidando-se. No entanto, Guedes tenta a sorte na cidade, mesmo sem esperanças, ele vai tentar sobreviver na cidade de Boa Ventura. Essa diferença faz com que o narrador acompanhe a trajetória do arrendatário, pois é ele quem experiencia o movimento campo-cidade.

O tempo narrativo dos velórios, embora com três anos de diferença, é simultâneo. As tragédias, os dramas se entrecruzam, já que estão ligados pelo mesmo motivo: a ganância e o espírito aproveitador de Júlio Bica que toma parte da área de Seu Bento, por conta de um empréstimo a juro muito elevado que o proprietário não consegue honrar. Com isso Guedes obriga-se a entregar o campo arrendado de seu Bento por este não ter podido saldar a sua dívida junto a Júlio Bica. A sede de Bica em aumentar cada vez mais a sua propriedade, para povoá-la com cabeças de gado, supera todos os demais problemas que são vitais, tanto que acarreta a morte de dois chefes de família.

Na obra em estudo, fica evidente a política adotada pelos ricos e poderosos que não têm escrúpulos em expulsar do campo os desfavorecidos. Ao mesmo tempo, torna-se clara a redução da oferta de tarefas no meio rural, já que a criação de gado exige pouca mão-de-obra. A história de Guedes mostra a injustiça que se processa, não apenas com ele, mas com muitos homens do campo, filhos da terra, que dela são expulsos para ceder lugar à necessidade de ampliação de áreas para a criação de gado.

Aliás, em qualquer circunstância, [Júlio Bica] não cederia o lugar a ninguém. Para isso dispunha de um argumento poderoso, que todos respeitavam na Campanha, ricos e pobres: aquele campo seria incluído na invernada de boi! E invernada de boi se respeita, porque esse bicho é delicado, não engorda com barulho, com trânsito... Além disso, posteiro não se usava mais. Pra quê? Uma estância com a sua, toda tapada, marchava lindo com três ou quatro peões. E isso mesmo porque era caprichoso, gostava de tudo bem arreglado. A rigor, até dois mensuais bastavam (MARTINS, 2001, p. 26).

Dessa forma, João Guedes, um gaúcho honesto, pobre e que sobrevivia com sua meia quadra de campo arrendado, é expulso do seu pedaço de terra, atirado sem rumo num futuro incerto, indo morar num rancho da periferia de Boa Ventura, uma típica cidadezinha do interior. Ali ele vai sofrer um processo implacável de decadência material e moral que culmina com a prática do furto, a morte por tuberculose de uma das filhas, a perdição da outra e o seu próprio suicídio. João

Guedes e a sua família chegam ao último grau de desajustamento social devido à crise econômica da época.

O romance apresenta um retrospecto da vida de Guedes, constituído por *flashes* que alternam vida e morte, passado e presente, campo e cidade, herói e anti-herói, mitificação e desmitificação. Esses contrapontos o colocam sempre em relação à imagem de gaúcho representada por José de Avençal. O presente estabelece relações entre os novos elementos constitutivos dessa representação de sujeito, tais como: cidade, pobreza e degradação em oposição ao passado de glórias: campo, riqueza e heroísmo, o que é reconhecido na imagem de Avençal.

João Guedes, um dos assíduos freqüentadores do boliche do capitão, mudara-se da campanha havia três anos. Três anos de pobreza bastaram para o degradar. Ao morrer não tinha vintém nos bolsos e fazia dois meses que saíra da cadeia, onde estivera preso por roubo de ovelha (MARTINS, 2001, p. 16).

A história começa pelo final, com o suicídio de João Guedes, antigo posteiro (pequeno arrendatário). Em seguida, temos um mergulho no passado do protagonista que vivia razoavelmente nas terras de um fazendeiro (seu Bento) que, imerso em dívidas, acaba se enforcando. Seu Bento vende sua propriedade para Júlio Bica que, desejoso de maior área para a criação de seu gado, expulsa Guedes, a mulher e cinco filhos das suas novas terras.

— Então, já sabe que lhe botei pra fora daqui?  
Guedes aturdiu-se com a nova, ficando a bolapé na conversa. De tantos anos que morava ali, quase se esquecera que aquele pedacinho de campo não lhe pertencia, que ele não passava dum simples arrendatário. Por isso, custou a vir à tona, e quando veio, foi para dizer:  
— Puxa, que sogaço! (MARTINS, 2001, p. 23).

Esse enunciado de Júlio Bica funciona como desencadeador de toda a trama narrativa, ele é o complicador da situação pacífica em que vivia Guedes; e é esse enunciado que representa o poderio dos patrões nas relações com os empregados na área rural, segundo o romance. Havia uma relação imaginária de igualdade e cavalheirismo entre estancieiros e arrendatários, e isso aparece no discurso literário que veicula a imagem do mito do gaúcho. Mas, ao ser expulso, Guedes recupera a condição de sem-terra do gaúcho, revelando a oposição existente entre proprietário e não proprietários. A posição de proprietário está vinculada ao poder econômico, social e político, o que legitima o ato de expulsar o não-proprietário. O enunciado em

questão funciona como desencadeador do processo de desmoronamento da identidade de gaúcho representada por Guedes, assim descrito pelo narrador:

Enrolou o cigarro lentamente, vendo tudo nublado dentro e fora de si. Nunca fora desses que gostam de andar com a tarecama de um lado para o outro. Mesmo quando solteiro, sempre fez questão de ser peão parador. E agora, ter que se botar na estrada, de repente, naquela altura da vida! Que rumo tomar? (MARTINS, 2001, p. 21).

O personagem João Guedes representa o gaúcho desterritorializado, o homem que foi expulso da terra em que vivia devido aos problemas sociais e econômicos do século XX. Enquanto territorializado, o gaúcho possuía uma identidade, mas, com a separação do gaúcho de sua terra, ocorrerá a destituição do gaúcho de sua imagem mítica. O personagem mencionado, ao ser expulso das terras que arrendou, constitui uma face da desmitificação do gaúcho monarca das coxilhas, já que esse mito presume a posse de terra para reinar sobre ela.

Monarquizar também significa cavalgar de forma exímia e elegante. Montar bem a cavalo, como um monarca. Ao se desfazer de seu cavalo, Guedes desliga-se de vez da sua imagem de monarca das coxilhas, pois não pode mais cavalgar segura e garbosamente para imperar sobre sua terra.

Ao ser representado como aquele que está vendo tudo nublado dentro e fora de si, Guedes representa o sentimento de perda de seu lugar, de confusão interior, de perda de sua identidade. Ele já não era o gaúcho dos campos indivisos do Rio Grande do Sul como Avençal, mas ele vivia no campo, e esse era o seu lugar, onde sempre fez questão de ser peão parador.

Após esse fato, Guedes vende a ponta de gado e as benfeitorias que possuía e rumo para a cidade com a família. Sem conseguir emprego, começa a freqüentar um bolicho onde se reúnem beberrões. Como a cidade não lhe oferece condições dignas de sobrevivência, a falta de alternativas leva-o a furtar ovelhas cujos pelegos vende. Ele roubava apenas por absoluta necessidade de sobrevivência, para matar a fome da sua família, pois o "roubo" lhe repugnava, lhe causava remorso.

Aquele homem era João Guedes, que carregava uma ovelha atravessada na garupa. Sim, o Guedes em pessoa, um gaúcho bom e direito, que foi domador, tropeiro, aramador, vizinho apreciado, plantador, que afrontou todos os riscos da vida campeira no tempo em que esta oferecia riscos e se mudou para a cidade... Estava convencido de que apenas ele tinha culpa daquilo, e se excomungava, roído de remorsos. O Guedes, o homem velho e achacado que apeou nos fundos do seu biongo e cujo primeiro ato foi esconder o furto, com medo dos vizinhos, com medo da mulher, com medo da polícia, o Guedes sofria (MARTINS, 2001, p.75).

No entanto, sentia-se de novo arrastado pela tendência má ao longo do declive escorregadio. Repugnava-lhe o roubo. Mas, se chegasse em casa sem um pedaço de carne, sabia de antemão o que lhe havia de suceder (MARTINS, 2001, p. 82).

O crime cometido por Guedes pode ser encarado como produto de um sistema social injusto, incapaz de fixar no campo os seus filhos, jogando-os à marginalização nas cidades. O roubo contraria os princípios do pobre homem, tanto que ele se nega a montar um sistema organizado, sugerido por Fagundes, pois não se trata de enriquecer, mas de saciar a fome de seus filhos.

A situação de Guedes e sua família, foco principal das atenções do narrador, não constitui caso isolado. Guedes pode ser considerado um personagem representativo de muitos arrendatários que perdem o direito de continuar explorando a mesma área para ceder espaço à expansão da criação de gado.

A passagem a seguir mostra a força do passado para o personagem. A vida na cidade contrapõe-se à vida na Campanha e a nostalgia do campo é um sentimento que nunca o abandona.

Uma súbita fresta sulcou-lhe no pensamento, clareando o seu passado de inteireza moral, como uma tira de sol, em dia sombrio, que se abre de repente sobre os campos. Pareceu-lhe divisar, na distância que a fantasia alongava, esgueirando-se por entre as paredes esboroadas da tapera que havia pouco avistara de longe, um fantasma, uma aparição de alma de outro mundo, a figura dum João Guedes defunto, mas dum João Guedes homem de bem, com o assomo da retidão no semblante (MARTINS, 2001, p. 127).

A partir desse momento, temos na obra a representação do gaúcho no seu dia-a-dia, vivendo sem perspectiva de melhoria de vida. Houve uma transformação no estilo de vida dele. Não há mais a visão romântica idealizada do gaúcho que vivia em paz e harmonia no campo com o seu cavalo. Agora a realidade é tratada sem romantismos. Cyro Martins nos passa através dessa obra que os tempos míticos pertencem ao passado. O gaúcho apresentado na obra *Porteira fechada* apresenta muito pouco as características que o haviam mitificado. Essas características são formadas pelo conceito, através do modo de ser do gaúcho e pela forma, representada principalmente pelo que é exterior. Essas características estão esmaecidas na obra. Dessa forma, sem as condições de compor a significação, representada pela “gauchidade”, o mito deixou de ser mito. Na sua obra, o autor não propõe o gaúcho como um mito, mas como um homem a ser compreendido na sua

decadência, ou seja, o homem escorraçado do campo, que vive em situação de extrema miséria nos arredores das cidades.

Esse contraponto pode ser melhor visualizado observando a descrição de Guedes no campo, em contraste com a descrição dele na cidade.

Guedes planejava capinar nesse dia o eito de batata doce, ameaçado de invasão pelo ervaçal. E também, antes que o inverno embrabecesse, barrear o rancho, pelo menos as paredes que dava para o sul. Enfim, ocupação não faltava. Mas felizmente ainda se achava com força para qualquer trabalho, por pesado que fosse (MARTINS, 2001, p.17). Nada mais fizera, naquela volteada, do que sestejar e pousar nas fazendas. [...] Era mesmo um velho sorumbático, não contava causos, não fazia pagodes e já não tinha forças para ajudar nas lidas do campo (MARTINS, 2001, p.70).

Nesses dois excertos observamos a saga do gaúcho desterritorializado, representada na figura de Guedes. O gaúcho é homem do campo e que tem força para qualquer trabalho, mas ao ser expulso de seu campo lhes são destituídas suas qualidades principais, pois já não tinha forças para ajudar nas lidas do campo.

João Guedes representa o gaúcho desfibrado, na medida em que é um personagem centrado na marginalização do gaúcho. Ele não possui a energia, nem a coragem nem, muito menos, a audácia do gaúcho antigo. Ele é um personagem que se decompõe e se destrói ao longo da trama. Desde o primeiro capítulo, João Guedes é apresentado na sua destruição total: a morte. O narrador o apresenta como sendo um fracassado, e, durante o tempo que dura o velório, é narrada a tragédia de uma vida sem futuro, a vida de um homem que perdeu a coragem, a energia e o ânimo de lutar. João Guedes representa a aniquilação do gaúcho, que não tem futuro. A força econômica do estancieiro o expulsa do campo, e a cidade devora-os: por não apresentar especialização para a mão-de-obra da cidade, é rechaçado por ela. Diante dessa falta de perspectiva, o personagem perde a energia, a coragem, a audácia: características do gaúcho mítico.

Esse impasse não é somente João Guedes que sofre. Assim como ele, há outros tantos gaúchos enxotados do seu pedaço de terra, obrigados a percorrer o duro caminho rumo à cidade e a enfrentar a luta pela sobrevivência onde não há condições para tal.

A história da sua [João Guedes] desgraça se confunde com a da maioria dos que povoam a aldeia de Boa Ventura, uma cidadezinha distante, triste e precocemente envelhecida, situado nos confins da fronteira do Brasil com o Uruguai (MARTINS, 2001, p. 84).

Outra característica que desmitifica o gaúcho é perda da liberdade. O gaúcho tradicional sempre se sentiu livre, pois sua formação está intimamente ligada ao desejo de percorrer e espalmar o campo cavalgando. Guedes ao se fixar na cidade perde a sua liberdade, pois agora não pode mais percorrer os campos, nem viver as aventuras do dia-a-dia proporcionadas pelo trabalho campeiro. O gaúcho passa a viver sem uma das condições de vida que tanto preza. A mudança para a cidade representa a perda do modo de viver típico do monarca das coxilhas e o começo do fim, ou seja, a degradação do gaúcho.

Também nos é apresentado na obra *Porteira fechada* o gaúcho desenraizado, o gaúcho que foi forçado a abandonar os pagos. O gaúcho primitivo muito lutou para conquistar e defender o seu solo. Isso faz com que ele se identifique à terra, acentuando tal sentimento telúrico que lhe é característico. Abandonar o campo onde vive é motivo de sofrimento que se junta ao sentimento de medo, de insegurança ao ter de enfrentar a vida na cidade. O gaúcho é desenraizado, porque precisa abandonar a terra com a qual está profundamente identificado. Tiram-lhe sua segurança e seu sustento. Além disso, sente-se deslocado no novo meio físico onde é obrigado a morar. João Guedes é um entre outros tantos gaúchos desenraizados que vão para a cidade viver na situação de marginalização.

Guedes é um personagem desprovido de espírito guerreiro. Na visualização mítica do gaúcho, ele é transposto seguidamente para o campo de batalha, ou a ação se passa em épocas de revoluções. Dessa maneira, suas qualidades de bravura, sangue-frio, suas noções de cumprimento do dever são ressaltadas. Na obra *Porteira fechada* não há nenhum personagem que vivencie até as últimas conseqüências o espírito de luta que é tão acentuado no gaúcho mítico. Não há condições para isso nessa narrativa.

Outra característica do gaúcho tradicional desmitificada na obra Cyro Martins é o afastamento do gaúcho do seu código de honra. Tradicionalmente, o gaúcho mítico obedece a um código de honra comum a todos. É leal, honesto, honrado, amigo, hospitaleiro. Procura zelar pela sua reputação de homem de palavra, homem de respeito, digno de confiança. Na obra ora analisada, João Guedes é obrigado a roubar para não morrer de fome. Ser ladrão é a maior vergonha que carrega consigo. Ele não teme a cadeia, teme a vergonha de ser preso por roubo. Depois de

roubar, passar a embebedar-se é um passo. Dessa forma, o personagem percorre o caminho oposto ao código de honra do gaúcho: o roubo e a bebida.

Uma das formas de realização do homem é o trabalho. O gaúcho tradicional tinha como forma de trabalho adequada a doma, a marcação, o rodeio, a esquila que requerem a energia, a coragem, a habilidade de que o gaúcho é possuidor. O que encontramos na obra de Cyro Martins, porém, é o gaúcho inadaptado para os trabalhos da cidade, depois que é expulso do campo. A inadequação provém do tipo de trabalho que a cidade precisa e da mão-de-obra que o gaúcho expulso do campo oferece. Além do mais, a cidade não apresenta condições de integrar o gaúcho em seu meio. Essa frustração, essa insegurança, o medo de enfrentar o amanhã por falta de condições de sobrevivência, são retratados na obra *Porteira fechada*. O título reforça a situação e denota o clima de pessimismo existente no decorrer da narrativa.

Quanto à desmitificação do gaúcho na sua forma, temos na obra de Cyro Martins a representação de um gaúcho solitário, triste, desnutrido e descaracterizado em seu traje. O gaúcho desmitificado aparece exteriormente modificado. A sua aparência se transforma juntamente com a sua maneira de viver e os seus costumes.

O gaúcho não consegue se conformar com sua situação. Ele não aceita a expulsão da terra, a perda do cavalo e ainda se imagina gaúcho, ligado fortemente às tradições do pampa. Esse fato alimenta o contraste da imagem do mito e do não-mito. Isso pode ser observado na constituição de José de Avençal e de João Guedes: o primeiro teve suas características heróicas revigoradas por existir no tempo da Revolução Farroupilha; e o segundo, ao viver no tempo em que os campos estavam sendo tomados para a criação de gado gerando a expulsão de arrendatários, tem reforçado o seu estado de degradação moral, nos conduzindo à observação da desmitificação da imagem do gaúcho na narrativa literária gaúcha.

Conforme Silveira (2004) Guedes é um homem razoavelmente jovem que não consegue manter-se vivo em condições tão adversas, ele é relacionado à fraqueza física e psicológica, enquanto resultado da desterritorialização do gaúcho, enfim, é a representação simbólica da morte do gaúcho, enquanto mito.

É de tradição da literatura sul-rio-grandense valorizar a amizade e consideração que o gaúcho tem para com o seu cavalo, companheiro de trabalho e

que sempre recebe bons tratos. Na obra *Porteira fechada*, podemos notar a grande importância que Guedes dá para o seu cavalo, fiel companheiro. Exatamente por isso, a falta do cavalo quebra em definitivo o vínculo do gaúcho com sua vida anterior de campeiro. O mito do gaúcho não pode se manter sem a existência do cavalo. O gaúcho a cavalo tem a estância, a distância, o trabalho, o lar: todos os sustentáculos do mito. A cavalo, o gaúcho tem uma finalidade; a pé cai toda uma concepção de vida. Como se verá adiante, Guedes precisou vender o seu cavalo.

Ao mesmo tempo em que ingressa no crime, Guedes é corroído por grande saudade dos antigos tempos de fartura e dignidade. Até que um dia é preso em flagrante dentro de uma fazenda.

João Guedes foi negaceando, no manso, confiante, seguro da sua perícia em pegar ovelha pela pata. De repente, palpitou-lhe algo inesperado. Relanceou as vistas assustadas e teve a representação de dois vultos subindo a encosta. [...]

Podia ser entretanto, que não fosse a polícia, que fosse pessoal da estância ou, quem sabe, gente atalhando por dentro das invernadas alheias! Pois então, ele também ia atalhando, coisa comuníssima na Campanha... Mas logo os vultos se agrandaram e cerraram perna.

— Alto lá! Alto lá!

Sim, era a polícia, era o maneador atando as pernas por baixo da barriga do cavalo, era a cadeia, o cascalho, a degradação, o fim! (MARTINS, 2001, p. 84).

Enquanto Guedes está na prisão, a esposa dele tenta inutilmente o auxílio de parentes ricos, uma das filhas foge de casa e a outra morre de tuberculose, dada a falta de recursos. Meses depois Guedes é solto. Restam-lhe então, do passado glorioso e feliz, apenas o seu cavalo magro e os seus arreios, mas ele é obrigado a vendê-los, o que aumenta a sua humilhação e isso o torna de vez mais um “gaúcho a pé”. Assim como tantos outros, ele havia perdido o seu cavalo e tudo o que tinha de valor, encontrando-se a partir disso em terrível situação de completa marginalização.

Uma semana depois, João Guedes foi à procura do mouro, o cavalo que lhe restava. Encontrou-o magro, felpudo, pisado dos lombos. Não tinha nem o direito de reclamar do dono do potreiro, pois fazia seis meses que não lhe pagava a pastagem. Embuçalou o animal e puxou-o de a cabresto até a casa de um carreiro conhecido.

— Seu Machado, vim lê vende o meu cavalo (MARTINS, 2001, p. 111).

Guedes saiu a passos trôpegos pelo caminzinho pedregoso, levando os seus arreios de campeiro para vender ao primeiro que lhe desse vinte ou trinta mil-réis. Cortava assim o último tento que o prendia à vida passada. Curvava-se à fatalidade, cedendo a um desígnio doloroso de gaúcho “de a pé” (MARTINS, 2001, p. 112).

Ao ser desligado da terra, a representação do gaúcho perde o seu referencial de lugar, e em Guedes está representada essa perda. Outro fato que é referência ao gaúcho é montar a cavalo, o que constitui a imagem do centauro, mas o centauro só existe no campo onde é seu lugar. A perda espacial faz desmoronar a imagem do gaúcho monarca das coxilhas e centauro dos pampas, tendo início uma crise identitária da imagem do gaúcho mitológico, conhecida até então como predominante.

Depois de enorme relutância para sobreviver na cidade, João Guedes percebe que chegou ao auge da sua situação de pobreza. Vendera tudo o que tinha de valor e, não tendo mais força física para executar trabalhos pesados devido a sua idade, não tinha mais como garantir o sustento da sua família.

Fazia agora dois meses que se achava em liberdade, porém se considerava mais prisioneiro que nunca. Tinham sido dois meses terríveis, esses. Perdera a filha, vendera o cavalo, vendera os arreios, Maria José secava dia a dia, passavam fome. Na véspera, percorrera a cidade à cata duma changa qualquer.

Tratara a limpeza dum sítio por oito mil-réis. Compreendia que não era serviço pra um homem da sua idade e no seu estado. Talvez caísse no meio das ervas (MARTINS, 2001, p. 118).

Todo esse sofrimento e essa degradação culminaram no suicídio de João Guedes. Ele, não mais agüentando ver sua família passar por necessidades, mata-se com um tiro na cabeça.

— Que horror, meu velho, acharam o compadre Guedes morto, lá na beira da sanga! (MARTINS, 2001, p. 17).

Pôs-se a examinar minuciosamente as manchas azuladas do rosto do Guedes e o ferimento brutal que lhe despedaçara a cabeça, coisa que ninguém se atvera a fazer. Do seu vulto inclinado sobre o cadáver irradiava uma agressividade mal contida. Que insondáveis desígnios abrigava aquela testa insolente? (MARTINS, 2001, p. 19).

No final da obra, após a morte miserável do pobre gaúcho, o narrador nos transporta de volta ao campo que fora outrora de posse de João Guedes. Diz que nele agora reina a paz, mas uma paz temporária, pois, se não for dada uma solução econômica e justa aos problemas do campo, ocorrerá um agravamento do êxodo rural e conseqüente continuação da marginalização desses que migram para a cidade.

Mas que engorde dava aquela invernada! Para um fim de safra, então, já com caídas para o inverno, não havia campo que se lhe igualasse. Seiscentos novinhos pastavam folgadoamente entre as altas cercas de sete fios e madeirama de lei que a tapavam. O sol entrou sem grandes esplendores. A noitinha caiu suavemente. Que paz naqueles campos (MARTINS, 2001, p. 151).

A história de Guedes mostra a injustiça que se processa não apenas com ele, mas com muitos homens do campo, filhos da terra, que dela são expulsos para ceder lugar à necessidade de ampliação de áreas para criação de gado. A situação de Guedes e sua família, foco principal das atenções do narrador não constitui um caso isolado. A tragédia de Guedes confunde-se com um número expressivo de indivíduos que, expulsos do campo para ceder espaços às necessidades da agropecuária, que ocupa poucos, pois requer mão-de-obra reduzida para a sua manutenção, abrigam-se nos cinturões de miséria das cidades. Embora sofrendo toda sorte de degradação, não esquecem os pagos de origem que povoam os seus sonhos alimentando-lhes o imaginário. O passado aparece como um tempo mítico-lendário, conforme expressa a passagem em que Guedes, Quevedo e Fagundes estão no bolicho e comparam a vida de antigamente a atual.

Só se animavam quando um ou outro evocava uma história da vida de “dantes”. Esse “dantes”, tão freqüente na boca daqueles derrotados, parecia se referir a um período mais longínquo do que era realmente, a uma época que pertencera a poucos, aos escolhidos pela sorte, a uma era de larguezas inacreditáveis, de abundância, de bravura, de vitórias, vivida por homens guapos! Hoje em dia... Bah! E balançavam em silêncio as cabeças tontas, penalizadas de si mesmos e do mundo que era outro (MARTINS, 2001, p. 151).

A crise econômica é a causa direta dos desequilíbrios, conflitos e traumas, da miséria de toda a família de João Guedes. Os personagens permanecem num total servilismo em relação ao sistema que lhes foi imposto.

A cidade é representada como o elemento capaz de degradar o sujeito ao extremo, não deixando opção nenhuma de reconstrução identitária ao homem do campo. A vida na cidade faz de Guedes um homem desprovido de qualquer resquício de dignidade, fazendo dele um homem desprovido de recursos materiais e de esperanças de um futuro melhor. É como se esse tempo de degradação do sujeito apagasse de sua vida qualquer possibilidade de futuro.

A imagem de João Guedes, desde o início da narrativa, é representativa de todo um grupo social que perdeu o seu espaço no campo e se amontoa nas cidades, gente que veio para a cidade antes e depois dele. Essa representação fica evidente quando o narrador compara a história dele com a de outros gaúchos.

A história de sua desgraça se confunde com a maioria dos que povoam a aldeia de Boa Ventura, uma cidadezinha distante, triste e precocemente envelhecida, situada nos confins da fronteira do Brasil com o Uruguai (MARTINS, 2001, p. 16).

Guedes agora é referido pela “história de sua desgraça”. Ele deixou para trás sua história de vida, de vida campeira de gaúcho, pois não se trata mais de uma história de vida, mas da história da sua desgraça, que é dele, no entanto poderia ser de qualquer um, ela se confunde com a de todos os gaúchos que, ao saírem do campo, não encontram outro lugar ou outras condições de sobrevivência.

A época em que se passa a história é em meados de 1938, no período do Estado Novo (1937-1945). Durante esse período houve introdução de algumas novas tecnologias nos métodos criatórios de gado, fazendo com que houvesse menor necessidade de braços para a criação, aumentando o êxodo rural. Esse fato fica evidentemente claro na obra *Porteira fechada*, pois João Guedes foi expulso das terras que arrendava para que essas fossem utilizadas para a criação de gado. Não encontrando emprego no campo devido aos problemas da época (modernização da agricultura, esgotamento do solo, falta de empregos), ele e sua família migram para a cidade, na esperança de lá encontrar emprego. Todavia, o setor urbano também estava enfrentando problemas devido ao desemprego. Não tendo capacitação necessária para conseguir um emprego que garantisse o sustento de sua família, João Guedes vai sofrendo um processo de gradativa marginalização que culmina com o seu suicídio: atitude de extremo desespero.

A obra de Cyro Martins denuncia a falta de dinheiro que assola a Campanha gaúcha, a expulsão dos peões de seu trabalho, à medida que a entrada de máquinas fez com que a necessidade de empregos diminuísse para o dono da fazenda.

No período inicial da colonização do Rio Grande do Sul, as únicas fronteiras que o habitante do sul do Brasil conhecia eram as que o separava do estrangeiro, do castelhano; ou seja, eram fronteiras móveis que estavam sempre em disputa e não eram um empecilho para as andanças do gaúcho, pois ele andava livre por toda a região platina. Todavia, esse cenário se modificou com a ocupação do interior do Estado. A presença do outro impõe limites, as fronteiras internacionais são fixadas definitivamente, começam a se estabelecer as fronteiras entre uma propriedade e outra, o campo indiviso que outrora fora de todos e de ninguém passa a ganhar contornos de cercas e aramados.

O lugar destinado ao gaúcho mítico é o campo e tão somente o campo. A vida do gaúcho está diretamente vinculada às relações de trabalho e de amizade com

seus pares, é o universo de guerras e batalhas que fazem dele um mito; é o trabalho nas estâncias que constrói seus valores e edifica os seus sonhos. Ao ser expulso desse lugar, que é dado como seu, vê-se obrigado a andar rumo à cidade. No entanto, a cidade constitui-se como um lugar vazio de significações, ela assusta, pois nela o homem rural só encontra o caos.

A desconstrução do mito também é uma característica forte da obra, já que não existe o herói; existe o ser humano com todos os aspectos comportamentais e físicos, com todas as dúvidas, defeitos e medos.

Guedes é a prova da desigualdade social que a ficção de Cyro Martins faz questão de mostrar. O personagem tem seu impasse entre o conformismo e a revolta que afinal o leva ao crime e à marginalização, na constituição de uma espécie de cópia negativa do mito do gaúcho-herói: o gaúcho degradado.

A realidade vivida por Guedes é evidentemente desmitificadora. Essa evidência é acentuada pela descrição insistente da crise pessoal que marca o personagem como um desajustamento, definindo a problemática da transição entre o “monarca” e o gaúcho real, ao mesmo tempo que esvazia o mito. Segundo Ghisolfi (1979) o esvaziamento atinge o mito em sua essência e na possibilidade da sua transposição do passado ao mundo presente da narrativa.

[Guedes] via com pena o pastinho ralo da beira da estrada, esbranquiçado e torcido pelas primeiras geadas. Sentia as costas doídas e o pescoço endurecido. Não levava nada para casa, nem dinheiro, nem carne, nem esperanças. Nada mais fizera, naquela volteada, do que se sentar e pousar nas fazendas, onde reparou que a sua presença deixara de ser agradável a patrões e mensuais. Era mesmo um velho sorumbático, não contava “causos”, não fazia pagodes e já não tinha forças para ajudar nas lidas de campo (MARTINS, 2001, p. 82).

Muitos dos gestos de João Guedes o apontam para sua desmitificação, principalmente pelo fato de ocorrer, no mesmo personagem, a personificação do herói gauchesco e da vítima pressionada pela classe poderosa. Trata-se de um gaúcho que reúne muitas qualidades e muitos defeitos morais, fugindo à tipificação de monarca das coxilhas para assumir certa grandiosidade humana, à medida que contradiz o condicionamento mítico, embora não chegue a libertar-se dele.

É interessante observar a coerência da ideologia do Modernismo (o Marxismo) com relação à obra estudada. Podemos notar que a proposta ideológica

predominantemente defendida em *Porteira fechada* é a discussão da condição de abandono do homem comum da Campanha gaúcha e as injustiças sociais que sofre.

Na obra encontramos a visão da luta de classes. Guedes fica admirado com a riqueza da família da prima Querubina que os recebe na cidade. Nessa parte da história fica evidente o contraste entre a família rica e a família pobre. A família da prima Querubina possuía uma casa luxuosa e vivia em excelentes condições. Já a de Guedes estava à mercê do destino, pois, conforme a própria esposa Maria José coloca, eles migraram para a cidade porque não haviam encontrado lugar nenhum no campo onde pudessem se instalar. A opinião de Querubina sobre a situação de sua prima denota o clima de pessimismo para a estadia da família de Guedes na cidade. “Ora, aquela gente vir se meter na cidade, onde havia tantos que nada faziam senão chocar a própria miséria!” (MARTINS, 2001, p. 59).

Ainda na questão de luta de classes, na obra fica evidente que os personagens ricos acumulam capital, gastam em modernização e dispensam a mão-de-obra dos peões que vão para a cidade engrossar os cinturões de miséria. A história de Guedes e sua família apresenta exatamente esse ponto de vista, pois ao serem expulsos pelo fazendeiro Júlio Bica acabam migrando para a cidade e terminam vivendo na pobreza.

Nessa obra Cyro Martins desvenda o avesso da prática romântica, que fixou a figura do gaúcho como “monarca das coxilhas”, dono de sua montaria e das distâncias. Entre uma realidade contada e imaginosa e outra bem diversa a desfilar diante de seus olhos, o romancista opta pela recriação da paisagem deformada da Campanha, que não acolhe mais o gaúcho da fase heróica, criado à lei da aventura, campeador e guerreiro. Em *Porteira fechada* o autor apresenta a decadência de um universo rural modificado pelas transformações econômicas e suas conseqüências sociais. A obra encaminha-se em direção oposta a essa representação idealizada do gaúcho, pois o próprio autor acentuou mais tarde: “nunca quis contribuir com a ampliação da mentira do monarca das coxilhas. Nunca trarei o gaúcho como personagem em estilo ufanista. Pelo contrário procurei ser realista, para poder ser útil de alguma forma”.

A essa idealização, Cyro Martins vai contrapor uma feição mais terra-a-terra e coerente com as mudanças econômicas e sociais por que passara o gaúcho,

obrigado a apejar do cavalo, a migrar e a enfrentar uma realidade de horizonte aberto.

Muitos traços afastam João Guedes do protótipo do gaúcho mítico, mas a descrição de sua angústia, detalhada no aspecto físico, denuncia seu grande conflito, fazendo-o único no quadro humano de Cyro Martins, na representação do personagem que esboça uma reação, embora infrutífera e pobre em resultado, uma tentativa de solucionar o problema vivido pelo gaúcho. Em termos de desmitificação, além da renúncia à vida, que contraria o mito, o conflito mostrado por essa obra demonstra a inadequação dos antigos valores aos tempos atuais. Guedes representa um aspecto pouco explorado da problemática do mito. Ele focaliza a frustração do indivíduo que se vê consciente da irreabilidade do mundo mítico, irremediavelmente fora de seu alcance.

Na véspera de ser encontrado morto, João Guedes passara a tarde agachado à beira do rancho, testa franzida, profundamente nostálgico, mateando e rememorando coisas, enquanto as vistas se espichavam, num desejo de fuga, para a natureza vitimada pela seca. Cisma acanhada, mas em todo caso de cisma, procurando inutilmente uma fresta por onde escapar. Esbarrava sempre com o círculo murado de opressões e vexames da sua miséria (MARTINS, 2001, p. 114).

O mais significativo, porém, em termos da desmitificação, é o fato de que todo esse mundo de contraste que se ergue diante do gaúcho acaba por determinar um processo de degradação que culmina com a morte do personagem João Guedes, como foi visto. É o contexto sócio-econômico que fatalmente aniquila o mundo do gaúcho.

João Guedes é a representação daquele gaúcho que não aceita o destino de desterrado, não aceita ter sido expulso do pedaço de terra que ocupava com sua família, ele retira o seu corpo e suas coisas do campo, mas não deixa de pertencer a ele. Ao deixar o campo, tudo o que encontra pela frente são situações negativas: negam-lhe moradia, trabalho, respeito e dignidade. Ele não tem para onde ir, não tem com quem contar, e, no discurso, percebemos que ele não tem o que falar. Fato esse que o diferencia do gaúcho de outrora, o qual contava causos. Conforme Silveira (2004) o movimento entre o dizer e o não dizer aponta para um lugar onde o não-dizer representa o diferente, o lugar onde potencialmente se fundaria o novo, pois se Guedes falasse certamente daria um depoimento bastante divergente do de um gaúcho mítico.

Na obra *Porteira fechada*, podemos notar o evidente processo de marginalização do típico gaúcho da Campanha. Através das observações colocadas pelo narrador, podemos notar que João Guedes vivia num ambiente rústico em perfeita harmonia com a sua família e seu cavalo, fiel companheiro, representando dessa forma o típico modelo de monarca das coxilhas e centauro dos pampas. Todavia, devido à crise econômica e problemas sociais, vê-se obrigado a ir para a cidade e, em razão do despreparo para trabalhos urbanos, acaba caindo na marginalidade. É preso e, após, libertado. No entanto, não tendo condições de sustentar a sua família, acaba sendo obrigado a vender as únicas coisas que o ligavam ao seu passado no campo: o cavalo e os arreios. Chega ao auge da humilhação, tornando-se então, como outros tantos, um “gaúcho a pé”.

## 7 CONCLUSÃO

Considerados os objetivos expostos na introdução, foi possível confirmar a hipótese a qual se pretendia sustentar: as obras *O vaqueano* e *Porteira fechada* apresentam processos de mitificação e desmitificação do gaúcho. A primeira, por se tratar de uma obra romântica e ter por função exaltar o mito do gaúcho-herói e também por ter o enredo ambientado na época da Revolução Farroupilha, período em que o gaúcho perde a sua imagem negativa e passa a ser conhecido como o “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”. Monarca das coxilhas vem do termo "monarquiar" que significa cavalgar a esmo, montar no seu cavalo e galopar pelos campos abertos. O gaúcho é chamado dessa forma, porque os seus traços se assemelham aos do monarca (também como figura mítica), no que se refere ao poder, à virilidade, honra, valentia, amor à terra e à liberdade. Esse termo foi muito usado pelos autores românticos da Sociedade Partenon Literário, enquanto que a expressão "centauro dos pampas" foi utilizada devido à identificação plena do gaúcho mitificado com o cavalo, assemelhando-se assim à entidade mitológica de corpo metade cavalo, metade humano. A segunda, por se tratar de uma obra modernista, mostra a decadência do gaúcho mitificado e apresenta a imagem do “gaúcho a pé”, pois os problemas sociais da época não permitiam mais a permanência da visão romantizada do gaúcho. Em 1935, Cyro Martins cria a expressão "gaúcho a pé". A partir de então, o modelo de gaúcho (o "gaúcho a cavalo"), que reinava até o momento, foi substituído pelo menos parcialmente pela figura do "gaúcho a pé": sem rumo, marginalizado, já sem serventia dentro do novo quadro que se apresenta, sem possibilidade de retorno, pois a porteira está fechada.

No segundo capítulo viu-se que o vocábulo *mito* apresenta-se como um conceito não definido de modo preciso e unânime. No entanto, ele não só representa uma explicação sobre as origens do homem e do mundo, como traduz o modo como um povo ou civilização entende e interpreta a existência. Sendo que o significado do

mito apresenta variações de acordo com a época a que remonta e de acordo com a sociedade a que se refere, faz-se necessário considerar o significado do mito em relação à sociedade primitiva e em relação à sociedade moderna, pois o mito passa de geração para geração, tentando esclarecer acontecimentos, fenômenos e vivências que fazem parte do ser humano, em qualquer época e lugar. Quanto ao seu conceito e forma, viu-se que um significado (mito) pode ter vários significantes (representações), ou seja, as mais variadas imagens ou um grande número de frases podem representar o mesmo mito, repetidamente. O significante é chamado de *forma*, e o significado é chamado de *conceito*. A soma da forma e do conceito de um mito resulta na sua *significação*. A forma caracteriza-se por ser extrínseca e concreta. Já o conceito é histórico e está relacionado com o mundo através de associações que não são rígidas e que sofrem mutações.

No terceiro capítulo foi estudada a origem do mito do gaúcho. Viu-se que, como é tradicional a existência de mitos na construção de todas as culturas, encontramos na cultura gaúcha o mito do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”. Estudou-se também a etimologia da palavra gaúcho e viu-se que a história da origem da palavra gaúcho é bem controversa. Existem inúmeras origens descobertas para essa palavra. No entanto, todas as origens levantadas expressam significações muito próximas das noções que temos de *tropeiro*, *andante*, *pobre* e *solitário*, que são marcas caracterizadoras dos gaúchos. Em seguida, estudou-se a formação histórica do povo gaúcho desde a sua colonização até o período da Revolução Farroupilha, pretendendo-se dessa forma contemplar o nascimento do gaúcho, suas características primitivas e a mudança de significado semântico do nome gaúcho. Os primeiros gaúchos eram chamados por esse nome de forma pejorativa, pois, naquela época, gaúcho significava pobre, órfão e marginalizado. É no período da Revolução Farroupilha que a denominação *gaúcho* passa de pejorativo para termo que designa homem heróico, corajoso. Quanto às características do gaúcho primitivo, viu-se que, desde seus primórdios, o gaúcho aparece marcado pela força telúrica e pelo apego ao seu cavalo. O gaúcho foi uma figura masculina que em meados do século dezenove já era um mito, era o símbolo dos pampas. Dessa forma, o gaúcho, juntamente com as suas características, foi estilizado e cultuado na literatura como “o centauro dos pampas” e “monarca das coxilhas”, um herói que galopava livre, distribuindo justiça e generosidade. Quanto

ao mito do gaúcho, conceito e forma, viu-se que o mito moderno é composto pelo *conceito* que é intrínseco e histórico, e pela *forma*, que é extrínseca e imediata. A constatação de ambos, em relação ao gaúcho, resulta na *significação*, ou seja, no mito do gaúcho: a gauchidade. O *conceito* do mito constitui o modo de ser do gaúcho. A *forma* do mito do gaúcho transparece no seu traje característico: bombachas, botas, lenço no pescoço, chapéu, esporas; nos seus utensílios de trabalho: faca, laço; nos seus hábitos: alimentar-se de churrasco, tomar chimarrão, fumar cigarro de palha; e na linguagem: usar expressões típicas da região, o que inclui castelhanismos. Quanto ao mito do gaúcho presente na literatura sul-riograndense, viu-se que foi somente com o surgimento do Partenon Literário que se passou a buscar a inspiração no homem livre dos primeiros tempos, o peão de estância, o monarca das coxilhas, responsável pela conquista da terra. Os autores desse período passam assim a voltar-se para temas regionais e a incorporar termos característicos da linguagem da Campanha. Em seguida, viu-se a questão do Romantismo gaúcho e a idealização da figura do gaúcho. Concluiu-se que o Romantismo gaúcho é uma espécie de compromisso entre o mítico e o documentário. Sobre a realidade observada, paisagem, tipos, costumes, é investida a visualização mítica que a transpõe para um plano de idealidade. Nas obras do período é comum aparecerem as que contenham a figura mitologizada do gaúcho, com roupas típicas, invejáveis qualidades morais, virtudes e valores, enquadrado na pitoresca paisagem dos pampas.

No quarto capítulo foram apresentadas as causas sociais e econômicas responsáveis pela expulsão do gaúcho do campo. Estudou-se também a literatura modernista gaúcha, a qual se preocupou em focar a desmitificação do gaúcho como um de seus temas. Dentro dos problemas sociais e econômicos, viu-se que o começo do século XX vê a economia da Campanha sofrer alguns reveses, a pecuária começa a diminuir de importância, cedendo lugar à agricultura e à indústria. A situação do Rio Grande do Sul passa a ser outra, pois com as modificações ocorridas no setor econômico, resultantes do crescimento agrícola e industrial e do decréscimo da atividade pastoril, o resultado é trágico para a Campanha. Os desempregos ocorrem intensamente, resultando no êxodo para as cidades, despreparada para receber tamanha população que, por sua vez, não tem qualificação profissional para sobreviver fora do campo. Dessa forma, a fonte viva de

que se nutria o conceito mítico do gaúcho, substrato necessário a todo mito, transformou-se, já que o conceito é histórico e comporta modificações. O substrato real que sustentava o mito desapareceu. A forma do mito também tende a desaparecer, devido às transformações na maneira de viver e nos hábitos do gaúcho. Sendo assim, a partir de 1910, a literatura iria passar a destacar a decadência das fazendas gaúchas com a modernização da lavoura, substituindo-se a pecuária pela agricultura tecnológica, numa época em que a industrialização modernizou métodos e dispensou peões, que foram para a cidade. O que era antes o centauro dos pampas ou monarca das coxilhas migra, agora, para a cidade, onde irá se encontrar com a miséria, porque não tem capacitação para o trabalho urbano; afasta-se do seu cavalo e de seu mundo campesino: é a desmitificação. Viu-se também que Cyro Martins, escritor gaúcho situado no regionalismo de cunho modernista, não tem a mesma visão dos escritores que o antecederam. Se antes o gaúcho era visto pelos aspectos que o mitificaram, agora Cyro Martins observa o gaúcho no seu dia-a-dia, vivendo sem perspectivas. O gaúcho de Cyro Martins não apresenta, ou apresenta muito pouco, as características que o haviam mitificado. Sendo essas características formadas pelo *conceito*, através do modo de ser do gaúcho, cuja presença na obra de Cyro Martins é difusa, e pela *forma*, representada principalmente pelo que é exterior, a qual se encontra apagada, entende-se que, sem as condições de compor a *significação*, representada pela gauchidade, o mito deixou de ser mito.

No quinto capítulo foi analisada a presença do gaúcho mitificado na obra *O vaqueano*. Sendo que a obra *O vaqueano* se enquadra no período romântico da literatura gaúcha, e uma das principais características desse período é a construção de uma identidade nacional através da ereção de figuras míticas, encontramos nessa obra a exaltação da figura do gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”, dotado de todas as virtudes de um autêntico herói farroupilha, pois, como era no tempo da Revolução Farroupilha, acentuavam-se o ufanismo e as características positivas. José de Avençal representa na obra o típico gaúcho “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas” por possuir todos os atributos necessários para compor o personagem que representa o gaúcho mítico.

O personagem José de Avençal é o típico gaúcho mitificado, pois possui todos os valores morais necessários para representá-lo. Ele é honesto, leal, obediente ao

seu código de honra, corajoso, demonstra apego pelo seu cavalo e amor pela sua terra. Por ser um personagem inserido dentro do Romantismo gaúcho, que visava à exaltação da figura mitificada do gaúcho, dentre outras características, e por a história se passar durante a Revolução Farroupilha (auge da exaltação da figura heróica do gaúcho), temos na obra *O vaqueano* a apresentação do gaúcho mitificado. Sendo essas características compostas pelo conceito, através do modo de ser do gaúcho e pela forma, representada principalmente pelo que é exterior, temos na obra as condições perfeitas para compor a significação do mito, isto é, a gauchidade. Em se tratando da questão da ideologia, viu-se que no Romantismo predomina o Liberalismo. Na obra analisada percebemos que esse conjunto de idéias se faz presente. Primeiro é tratada a questão da liberdade do homem como indivíduo e, depois, da escolha do par amoroso. Todos os personagens da história são livres e lutam por sua liberdade a qualquer custo. A história passa-se durante a Revolução Farroupilha quando os gaúchos lutaram pela sua liberdade (territorial, política e cultural) contra o império. Na questão da escolha do par amoroso, verificamos que essa idéia é defendida na obra, pois José Avençal e Rosita se apaixonam e, mesmo sendo de famílias inimigas, não desistem do amor. No final, quando há a impossibilidade de o amor se concretizar, já que Rosita estava morta, José de Avençal suicida-se de maneira heróica, pois esta é tida como a solução para os problemas do amor.

No sexto capítulo foi analisada a desmitificação do gaúcho na obra *Porteira fechada*. Concluiu-se que o gaúcho observado na obra *Porteira fechada* apresenta muito pouco das características que o haviam mitificado: liberdade, altivez, insubmissão, lealdade, sentimento telúrico, apego ao cavalo, bravura, honestidade e patriotismo. Como essas características são formadas pelo conceito, através do modo de ser do gaúcho, e pela forma, representada principalmente pelo que lhe é exterior, essas características estão esmaecidas na obra. Dessa forma, sem as condições de compor a significação, representada pela gauchidade, o mito deixou de ser mito. Na sua obra, o autor não propõe o gaúcho como um mito, mas como um homem a ser compreendido na sua decadência, ou seja, o homem escorraçado do campo, que vive em situação de extrema miséria nos arredores das cidades. João Guedes representa o gaúcho desfibrado, à medida que é um personagem centrado na marginalização do gaúcho. A desconstrução do mito também é uma

característica forte da obra. Já que não existe o herói; existe o ser humano com todos os aspectos comportamentais e físicos, com todas as dúvidas, defeitos e medos. Também vimos que a ideologia do Modernismo é o Marxismo. Dessa forma, na obra temos a visão da luta de classes. Guedes fica admirado com a riqueza da família da prima Querubina que os recebe na cidade. Nessa parte da história fica evidente o contraste entre a família rica e a família pobre. Ainda na questão de luta de classes, a obra demonstra que os personagens ricos acumulam capital, gastam em modernização e dispensam a mão de obra dos peões que vão para a cidade engrossar os cinturões de miséria. A história de Guedes e sua família apresenta exatamente esse ponto de vista, pois, ao serem expulsos pelo fazendeiro Júlio Bica, acabam migrando para a cidade e terminam vivendo na pobreza.

Na obra *Porteira fechada*, podemos notar o evidente processo de marginalização do típico gaúcho da Campanha. Através das observações colocadas pelo narrador, podemos notar que João Guedes vivia num ambiente rústico, em perfeita harmonia com a sua família e seu cavalo, fiel companheiro, representando dessa forma o típico modelo de monarca das coxilhas ou centauro dos pampas. Todavia, devido à crise econômica e problemas sociais, vê-se obrigado a ir para a cidade e, em razão do despreparo para trabalhos urbanos, acaba caindo na marginalidade. É preso e, após, libertado. No entanto, não tendo condições de sustentar a sua família, acaba sendo obrigado a vender as únicas coisas que o ligavam ao seu passado no campo: o cavalo e os arreios. Chega ao auge da humilhação, tornando-se então, como outros tantos, um gaúcho a pé.

A primeira narrativa analisada, produzida no século XIX, recupera elementos de um passado de glórias. A imagem do gaúcho está associada ao herói e ao centauro dos pampas; já a segunda, produzida em meados do século XX, se relaciona com o momento sócio-histórico que lhe é contemporâneo, no qual o gaúcho já não é mais associado à imagem do herói dos campos indivisos do sul do Brasil, pois ele advém de um processo de exclusão social. Quando ele é expulso da terra que acreditava ser sua, perde junto com a terra seu cavalo, sua identidade de centauro e monarca. Enfim, na primeira obra temos a apresentação do mito do gaúcho, ou seja, a mitificação do gaúcho; a segunda apresenta a imagem do não-mito, ou seja, a sua desmitificação.

## REFERÊNCIAS

ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho**: história e mitificação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ALENCAR, José de. **O gaúcho**. Rio de Janeiro: Ática, 1978.

APPEL, Carlos Jorge. As coxilhas sem Monarca. In: RIO GRANDE DO SUL. Instituto Estadual do Livro. **Cyro Martins**. 2. ed. Porto Alegre: SECRS-IEL, 1984. p. 19 - 29.

ARENDT, João Cláudio. **O mito do gaúcho-herói e o imaginário social em Contos gauchescos e Lendas do sul**. 1995. 177 f. Tese (Doutorado em Letras) – Unisinos, São Leopoldo, 1995.

AZEVEDO, Gilmar de. **Na pele da imagem**: o mito do gaúcho em O tempo e o vento. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/verissimo/trabalho.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2004.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A crítica literária no Rio Grande do Sul**: Do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: IEL, 1997.

\_\_\_\_\_. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul**: 1868 a 1980. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BELO, Luiz Alves Leite de Oliveira. **Os Farrapos**: romance. 5. ed. Porto Alegre: Movimento, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1985.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992.

CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **O corsário**. Romance rio-grandense. Porto Alegre: Movimento, 1979.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Martins, 1969.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul: (1737-1902)**. Porto Alegre: Globo, 1971.

CHAVES, Flávio Loureiro. **História e literatura**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. 3. ed. Porto Alegre: Novo Século, 2001.

DUARTE, Márcia Lopes. Simões Lopes Neto e a invenção do gaúcho. **Cadernos IHU Idéias**, São Leopoldo, v. 1, n. 8, p. 1-12, 2003.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.

FISCHER, Luís Augusto. **Literatura gaúcha**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FLORES, Moacyr. **Mito do gaúcho**. Disponível em: <<http://www.via-rs.com.br/esteeditora/correio/4750.html>>. Acesso em: 11 dez. 2004.

FORTES, Amyr Borges. **Compêndio da história do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

GHISOLFI, Alda Maria do Couto. **Alcides Maya e Simões Lopes Neto: a desmistificação do gaúcho**. 1979. 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre, 1979.

GOMES, Neusa Demartini et al. **A identidade cultural do gaúcho como abordagem persuasiva da campanha eleitoral de Olívio Dutra**. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/xxv-ci/np03/NP3GOMES.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/xxv-ci/np03/NP3GOMES.pdf)>. Acesso em: 5 jan. 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997.

HENKIN, Elisa. Apolinário Porto Alegre e o regionalismo gaúcho. In: PORTO ALEGRE, Apolinário. **O vaqueano**. Porto Alegre: Movimento, 1987. p. 3 -10.

HOHLFELDT, Antônio. **Literatura e vida social**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LARA, Elizabeth Rizzato. **O gaúcho a pé**. Porto Alegre: Movimento, 1985.

LOPES, Cicero Galeno. **Antologia comentada da literatura brasileira**. [Canoas: Unilasalle, 2007].

\_\_\_\_\_. Gaúcho: nome e formação. **La Salle: Revista de Educação Ciência e Cultura**, v. 5, n.1, p. 7, outono 2000.

MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Aspectos temáticos e estéticos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MARTINS, Cyro. **Porteira fechada**. 11. ed. Porto Alegre: Movimento, 2001.

MARXISMO. Disponível em: <[www.pt.wikipedia.org/wiki/marxismo](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/marxismo)>. Acesso em: 20 maio 2007.

MOISÉS, Massaud. **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de termos literários**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

MOREIRA, Maria Eunice. **Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: IEL, 1989.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de termos literários**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

\_\_\_\_\_. **REPÚBLICA: verso e reverso.** Porto Alegre: IEL, 1989.

PORTO ALEGRE, Apolinário José Gomes. **O vaqueano.** São Paulo: Três, 1973.

POZENATO, Jose Clemente. **O regional e o universal na literatura gaúcha.** Porto Alegre: Movimento, 1974.

RÁSIA, Rozélia S. **Um mito controverso: O centauro da Pampa.** Disponível em: <<http://www.riototal.com.br/coojornal/rasia001.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2004.

REVERBEL, Carlos. **O gaúcho: Aspectos de sua formação no rio grande e no rio da prata.** Porto Alegre: L&PM, 1986.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é mito.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTOS, Elaine dos. **O processo de construção de uma identidade nacional: o caso sul-rio-grandense.** Disponível em: <[www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a11.html](http://www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a11.html)>. Acesso em: 12 maio 2006.

SCHÜLER, Donaldo. **A poesia no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SILVEIRA, Verli Fátima Petri da. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira fechada, de Cyro Martins.** 2004. 357 f. Tese (doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.